

SÃO GREGÓRIO DE NISSA



A VIDA DE MOISÉS



ECCLESIA - 2024

São Gregório de Nissa

«Sobre a Vida de Moisés»

(Aprox. 330–395)

Tradução segundo a Patrologia Grega de Migne com base na
versão de D. Lucas F. Mateo



Primeira Parte: História de Moisés

Introdução

Os aficionados pelas corridas de cavalos, embora aqueles a quem apoiam nos esforços das corridas não se descuidem um instante em suas tentativas de ser velozes, nas arquibancadas, envolvendo com os olhos todo o certame, gritam no desejo de os ver triunfar e, com os gritos, incitam ao cocheiro e aos cavalos – ao menos assim o creem – a um impulso mais forte. Dobram os joelhos ao mesmo tempo que os cavalos e estendem as mãos para a frente, agitando-as como um chicote. Não atuam assim porque essas coisas causem a vitória, mas pelo interesse que sentem pelos participantes, o que os leva a mostrar sua preferência com palavras e gestos.

Algo semelhante me parece acontecer contigo, o mais estimado dos amigos e irmãos: enquanto no estádio das virtudes te empenhas valentemente na competição divina e avanças com passos ágeis e rápidos para a recompensa do chamado que vem de cima, eu te animo com minhas palavras, te apresso e te exorto a aumentar o esforço para seres mais veloz. Atuo assim não como quem se deixa levar por um impulso irrefletido, mas como quem proporciona a um filho querido tudo o que lhe é grato. Como na carta que me enviaste recentemente me pedes um conselho para a vida perfeita, pareceu-me conveniente propor-te com minhas palavras algo que talvez só te será útil se se converter para ti em um exemplo eficaz de obediência.

Com efeito, se eu, que estou colocado no lugar de pai para tantas almas, considero conveniente a meus cabelos brancos aceder ao pedido de tua juventude virtuosa, tanto mais conveniente será que se reforce em ti a disposição à docilidade, agora que tua juventude tem sido instruída por mim a uma obediência voluntária. E já basta deste tema. Iniciemos o assunto proposto, tomando a Deus como guia de nosso discurso.

Pediste-me, meu querido, que te trace um esboço de qual é a vida perfeita, com a intenção evidente de aplicar à tua própria vida – se o que procuras se encontra em minha resposta – a graça indicada por minhas palavras. Sinto-me igualmente incapaz destas coisas: confesso que se encontra acima de minhas forças tanto definir com palavras em que consiste a perfeição quanto mostrar em minha vida o que o espírito entende dela. Talvez não só eu, mas também muitos dos grandes e avançados na virtude confessarão que uma

coisa assim não é alcançável para eles. Explicarei com a maior clareza o que estou tentando dizer, para não parecer, dizendo-o com as palavras do Salmo, que “tenho temor onde não deve haver temor” (Sl 13, 5).

A Natureza da Perfeição

Em todas as coisas pertencentes à ordem sensível, a perfeição está circunscrita por alguns limites, como sucede com a quantidade contínua ou descontínua. Tudo aquilo que se pode medir quantitativamente encontra-se em limites bem definidos, e alguém que considere um pedaço ou o número dez sabe bem que, para essas coisas, a perfeição consiste em ter um começo e um fim. Por outro lado, com relação à virtude, aprendemos com o Apóstolo que o único limite da perfeição consiste em não ter limite. Aquele divino Apóstolo, grande e elevado de pensamento, correndo sempre pelo caminho da virtude, jamais cessou de se lançar para a frente, pois lhe parecia perigoso deter-se na corrida. Por quê? Porque todo o bem, pela própria natureza, carece de limites e só é limitado pela presença de seu contrário, como a vida é limitada pela morte e a luz pelas trevas; em geral, tudo aquilo que é bem tem seu fim naquilo que é considerado o oposto do bem. Assim como o fim da vida é o começo da morte, deter-se na corrida pela virtude é o princípio da corrida ao vício.

Por este motivo, não nos enganava nosso raciocínio ao dizer que, no que diz respeito à virtude, é impossível uma definição da perfeição, já que demonstramos que tudo o que se encontra demarcado por alguns limites não é virtude. E como eu disse que, para aqueles que vão atrás da virtude, é impossível alcançar a perfeição, esclarecerei meu

pensamento com relação a esta questão. O Bem em sentido primeiro e próprio, aquele cuja essência é a Bondade, é a Divindade. Esta é chamada com propriedade – e é realmente – tudo aquilo que implica sua essência. Como já foi demonstrado que a virtude não tem mais limite além do vício, e foi demonstrado também que na Divindade não cabe o que é contrário, conclui-se conseqüentemente que a natureza divina é infinita e ilimitada.

Portanto, quem busca a verdadeira virtude não busca outra coisa senão Deus, já que Ele é a virtude perfeita. A participação do Bem por natureza é completamente desejável para quem o conhece e, além disso, o Bem é ilimitado; segue-se, pois, necessariamente, que o desejo de quem busca participar d'Ele é coextensivo com aquilo que é ilimitado e não se detém jamais. Portanto, é impossível alcançar a perfeição, pois, como já dissemos, a perfeição não está circunscrita por nenhum limite; o único limite da virtude é o ilimitado. Como poderá alguém chegar ao limite prefixado, se este limite não existe?

Porém, o fato de havermos demonstrado que o que buscamos é totalmente inatingível não justifica que se possa descuidar do preceito do Senhor, que diz: “Sede perfeitos, como é perfeito vosso Pai celeste” (Mt 5, 48). Aqueles que têm bom senso julgam grande ganância não carecer de uma parte dos bens verdadeiros, ainda que seja impossível alcançá-los de forma completa. Deve-se, portanto, pôr todo o ardor em não estar privado da perfeição possível e, em consequência, alcançar dela tanto quanto sejamos capazes de receber em nosso interior. Talvez a perfeição da natureza humana consista em estar sempre disposta a conseguir um maior bem.

A Escritura como Guia

Parece-me oportuno tomar a Escritura como guia nesta questão. A voz de Deus diz por meio da profecia de Isaías: “Lançai os olhos para Abraão, vosso pai, e para Sara, que vos deu à luz” (Is 51, 2). A palavra divina faz esta exortação àqueles que erram longe da virtude, para que, assim como os navegantes que se desviaram de sua rota para o porto corrigem-se de seu erro graças a um sinal visível – vendo um sinal de fogo posto no alto ou em cima de um monte –, também aqueles que erram no mar da vida, levados por uma mente sem timoneiro, se dirijam novamente ao porto da vontade divina seguindo o exemplo de Abraão e Sara. A natureza humana se divide em feminino e masculino, e a escolha entre virtude e vício se apresenta igualmente ante ambos os sexos. Por esta razão, a palavra divina oferece o exemplo de virtude correspondente a cada uma das partes, para que, olhando cada uma para o que lhe é afim – os homens para Abraão e as mulheres para Sara –, ambas se encaminhem para a vida virtuosa com exemplos que lhes sejam próximos.

Também será suficiente para nós a lembrança de um destes personagens ilustres por sua vida, para fazê-lo desempenhar o papel de guia e mostrar como é possível que a alma chegue ao porto seguro da virtude, onde já não estará exposta de nenhuma forma às tempestades da vida e onde não correrá o risco de cair no abismo do vício por causa dos sucessivos embates das ondas das paixões. Talvez a história destes homens ilustres tenha sido escrita detalhadamente para isto: para que a vida dos que vêm depois se dirija para o bem, imitando as coisas que foram feitas precedentemente com retidão.

Talvez alguém diga: “Se eu não sou caldeu como sabemos que foi Abraão, nem fui criado pela filha do egípcio como conta a história de Moisés, nem tenho nada em comum na forma de viver com nenhum destes homens de outros tempos, como conformarei minha vida com a de um d’Eles, se não tenho como imitar alguém que me é tão afastado em sua forma de viver?” Respondemos que não pensamos que ser caldeu seja vício ou virtude, nem que ninguém se encontre afastado da vida virtuosa por viver no Egito ou habitar na Babilônia. Pelo contrário, nem Deus se faz conhecer somente na Judeia àqueles que são dignos, nem Sião, entendido em sentido literal, é a casa de Deus (Sl 75, 2-3). Portanto, teremos necessidade de uma interpretação mais sutil e de um olhar mais agudo para discernir sempre, a partir da história, de que caldeus ou egípcios havemos de nos distanciar e de que cativo da Babilônia devemos escapar para conseguir a vida bem-aventurada.

Daqui para frente, em nosso discurso, tomamos Moisés como modelo de vida. Em primeiro lugar, recorreremos rapidamente à sua vida, conforme a conhecemos pela divina Escritura; depois, buscaremos o significado espiritual correspondente à história, para receber um ensinamento sobre a virtude. Assim, conheceremos em que consiste para os homens a vida perfeita.

Capítulo 1

Diz-se que Moisés viu a luz quando a lei do tirano proibia manter vivos os varões que nascessem (Ex 1, 16) e que, com sua graça, pressagiava já toda a graça que com o tempo haveria de reunir. Parecia tão belo já em fraldas (Ex 2, 2) que

seus pais resistiram a destruí-lo com a morte. Depois, quando a ameaça do tirano se fez mais forte, não o atiraram sem mais à corrente do Nilo, mas o colocaram em uma cesta cujas junções haviam sido calafetadas com breu e piche, e desta forma o entregaram à corrente. Assim o explicam aqueles que refizeram cuidadosamente a história que a ele se refere.

Guiada por uma força divina, a cesta arribou a uma encosta transversal, levada a este lugar pelo próprio movimento das águas. A filha do rei veio à região da praia onde se encontrava a cesta e, sendo alertada pelos vagidos que vinham da caixa, converteu-o em achado da rainha. Imediatamente, a princesa, vendo a beleza que resplandecia d'Ele, encheu-se de benevolência e o adotou como filho. E posto que ele rechaçasse instintivamente um peito estranho, foi alimentado com o peito materno graças a um ardil de parentes (Ex 2, 1-9).

Durante sua educação de príncipe, instruído nas ciências estrangeiras, ao sair da infância não escolheu as coisas que eram tidas em grande apreço pelos estrangeiros, nem deixou ver que confessava como mãe àquela mãe inventada que o havia feito filho adotivo, mas retornou à sua mãe natural e se misturou com os que eram de sua estirpe. Tendo-se originado uma briga entre um hebreu e um egípcio, tomou o partido do compatriota e matou o egípcio (Ex 2, 11-13). Pouco depois, quando brigavam dois hebreus, tentou acalmar a querela, fazendo-os notar que, entre irmãos, é bom tomar como árbitro das divergências a natureza e não a ira (Ex 2, 13-15). Rechaçado por aquele que se inclinava à injustiça (Ex 2, 16-21; At 7, 23-28), fez desta afronta o ponto de partida para uma filosofia mais alta: depois disto, tendo se afastado da

convivência com a multidão (Ex 2, 15), passou a vida na solidão e contraiu parentesco com um estrangeiro sagaz para discernir o melhor e acostumado a julgar os costumes e a vida dos homens.

Bastou a este uma única ação – refiro-me ao ataque dos pastores – para descobrir a virtude do jovem: como havia lutado pela justiça sem pensar em seu próprio proveito, mas por achar que o justo é valioso por sua própria natureza, e como castigara a injustiça dos pastores, que não haviam feito nenhum dano a ele. Tendo admirado o jovem por estas coisas e estimando que, apesar de sua manifesta pobreza, sua virtude era mais valiosa que uma grande riqueza, entregou-lhe sua filha por esposa e permitiu-lhe levar uma vida segundo seus desejos.

Capítulo 2

Ele escolheu conduzir nos montes uma vida solitária, afastada do tumulto das praças e dedicada a guardar os rebanhos no deserto. A história nos conta (Ex 3, 1-6) que, passado algum tempo nesta vida, Moisés recebeu uma surpreendente aparição de Deus: em um tranquilo meio-dia, reluziu ante seus olhos uma luz mais forte que a luz do sol; estranhando o inusitado do espetáculo, levantou os olhos para o monte e viu um arbusto do qual saía um resplendor como de fogo. Como os ramos da planta estavam verdes, como se as chamas fossem orvalho, disse a si mesmo estas palavras: “Vamos e vejamos este grande espetáculo”. Isto nos diz que o prodígio da luz não somente se mostrou a seus olhos, mas, o que é mais impressionante, seus ouvidos foram iluminados com os resplendores da luz. Com efeito, a graça

da luz foi distribuída a ambos os sentidos: os olhos foram iluminados com os resplendores da luz, e os ouvidos foram levados à luz com instruções puríssimas. A voz que saía daquela luz proibiu Moisés de aproximar-se do monte com calçados feitos de peles mortas; quando ele livrou seus pés dos calçados, tocou assim aquela terra que estava iluminada com a luz divina.

Depois dessas coisas, não julgo oportuno que o discurso se entretenha muito na história deste homem, para nos atermos mais a nosso propósito. Fortalecido com a teofania que vira, recebeu a missão de livrar seu povo da escravidão dos egípcios. Para que melhor se convencesse da força que recebia do alto, ele, por disposição de Deus, fez a experiência com o que tinha nas mãos. Esta foi a experiência: o bastão que sua mão deixou cair se animou e, quando foi retomado por suas mãos, voltou a ser o que era antes de transformar-se em animal. Depois, o aspecto de sua mão, quando a tirou do seio, transformou-se em um branco como de neve, e, reintroduzida ao seio, recobrou seu aspecto natural (Ex 4, 2-7).

Quando Moisés descia do Egito levando consigo sua esposa, que era estrangeira, e os filhos que tivera com ela, conta-se que um anjo saiu-lhe ao encontro, causando-lhe um medo de morte, e que a mulher o aplacou com o sangue da circuncisão do menino. Foi então que ocorreu o encontro com Aarão, que fora impelido por Deus para este encontro (Ex 4, 24-28). Ambos convocaram o povo para uma assembleia geral e anunciaram aos que estavam oprimidos pelo padecimento dos trabalhos a libertação da escravidão. Sobre este tema, ele teve uma conversa com o tirano. Por causa

dessas coisas, aumentou a cólera do tirano contra os que dirigiam os trabalhos e contra os israelitas: aumentou o tributo de ladrilhos e enviou uma ordem mais pesada, de forma que os israelitas não só padeciam pelo barro, mas também eram sobrecarregados por causa da palha e das canas (Ex 5, 1-23).

Depois, o Faraó – este era o nome do tirano egípcio – tentou fazer frente, com os encantamentos dos feiticeiros, aos prodígios que eles faziam pela vontade de Deus. Quando Moisés tornou a converter seu bastão em animal ante os olhos dos egípcios, a magia pareceu realizar o mesmo prodígio nos bastões dos magos. Porém, o engano foi desmascarado, pois a serpente surgida da transformação do bastão de Moisés, ao comer os troncos dos magos, isto é, as serpentes, demonstrou que os bastões dos magos não tinham nenhuma força para se defender nem para viver, mas apenas a aparência de um truque mágico para os olhos daqueles que eram fáceis de enganar (Ex 7, 8-12). Quando Moisés viu que todos os súditos estavam de acordo com o príncipe da maldade, fez vir uma praga geral sobre todo o povo egípcio, sem que ninguém escapasse da experiência dos males. Para infligir este castigo aos egípcios, cooperaram com ele os mesmos elementos que vemos no universo: a terra, a água, o ar, o fogo, que trocaram suas forças conforme a vontade dos homens.

Capítulo 3

Quem estava livre de culpa permanecia incólume, enquanto, com a mesma força, ao mesmo tempo e no mesmo lugar, era castigado o culpado. Ao comando de Moisés, todo tipo de água se converteu em sangue para o Egito, ao ponto

de que também os peixes morressem por causa da densidade carnosa em que se transformara a água; o sangue, por outro lado, voltava a converter-se em água para os hebreus, quando a tomavam. Aqui, os magos reaparecem para simular, na água que tinham os hebreus, a aparência de sangue (Ex 7, 20-22).

Sucedeu o mesmo com as rãs que invadiram o Egito: sua aparição até uma proliferação de tal magnitude não pode ser avaliada como uma consequência da natureza, mas o comando dado à espécie das rãs modificou a natureza conhecida destes animais. Todo o Egito foi atormentado por estes animais, que invadiram inclusive as casas, enquanto a vida dos hebreus se mantinha limpa dessas coisas repugnantes (Ex 7, 25-29). Da mesma forma, a atmosfera não permitia aos egípcios nenhuma distinção entre a noite e o dia; permaneciam em uma obscuridade uniforme, enquanto, para os hebreus, nas mesmas circunstâncias, nada havia mudado em relação ao habitual.

E do mesmo modo com relação a todas as demais coisas: o granizo, o fogo, os mosquitos, as pústulas, as moscas, a nuvem de gafanhotos. Cada uma, segundo sua própria natureza, feriu os egípcios; os hebreus, ao contrário, sabiam do sofrimento de seus vizinhos por rumores e relatos, pois não experimentaram em si mesmos o ataque dessas calamidades. Depois, a morte dos primogênitos fez mais clara a diferença entre o povo hebreu e o egípcio: uns se desfaziam em lamentações pela perda dos seres mais queridos (Ex 12, 29); os outros permaneciam em total tranquilidade e segurança, porque tinham a salvação confirmada pela aspersão do sangue e por haverem marcado as portas com

sangue, como senha, em cada um dos lados das ombreiras e no montante que as unia (Ex 10, 21-23).

Depois disso, enquanto os egípcios estavam abatidos pelo desastre dos primogênitos e choravam sua desgraça, solitários ou todos juntos, Moisés começou a dirigir o êxodo dos israelitas, após haver advertido que levassem consigo, como empréstimo, a riqueza dos egípcios. Quando já se passavam três dias de caminho fora do Egito – conta-nos a história –, pareceu insuportável ao egípcio que Israel não permanecesse na escravidão e, havendo mobilizado todos os seus súditos para a guerra, correu atrás do povo com sua cavalaria. Este, quando viu o arrancar da cavalaria e da infantaria, sendo inexperiente nas artes da guerra e pouco acostumado a estes espetáculos, deixou-se levar imediatamente pelo medo e rebelou-se contra Moisés.

A história conta também este feito paradoxal de Moisés: que sua atividade foi dupla. Com a voz e a palavra, dava ânimo aos israelitas e os exortava a ter boas esperanças, e, ao mesmo tempo, apresentava a Deus suas súplicas em seu coração em favor daqueles que se encontravam em tal apuro, sendo instruído por meio do conselho divino sobre como poderia fugir de tal perigo (Ex 12, 31-14, 5). Pois Deus mesmo, como conta a história, escutava sua voz silenciosa. Uma nuvem guiava o povo por virtude divina, não por sua própria natureza. Sua substância, com efeito, não era formada por vapores ou exalações como resultado de que o ar se houvesse feito mais denso por causa de substância úmida e de sua compressão pelos ventos, mas era algo muito maior e que excedia a compreensão humana. Como atesta a Escritura, aquela nuvem era um prodígio tal que, quando os raios do sol

brilhavam abrasadores, convertia-se em uma proteção para o povo, fazendo sombra para os que estavam embaixo e umedecendo o calor excessivo do ar com uma água fina; durante a noite, transformava-se em fogo, iluminando os israelitas com o resplendor de sua própria luz desde o entardecer até o nascimento do dia (Ex 13, 21-23).

Capítulo 4

Moisés olhava para a nuvem e ensinava o povo a seguir este fenômeno. Então, chegaram ao Mar Vermelho. Ali, enquanto a nuvem dirigia a marcha, as tropas dos egípcios cercaram completamente o povo por trás, sem lhe deixar possibilidade de escapar por nenhuma parte, encurralado entre seus terríveis inimigos e o mar. Foi então que Moisés, reconfortado com a força divina, fez o mais incrível de tudo. Tendo se aproximado da margem, golpeou o mar com seu bastão. O mar se fendeu com o golpe. E, como costuma acontecer com o vidro que, começando a se rachar em uma parte, a fenda chega diretamente até o outro extremo, assim, fendido todo aquele mar em uma extremidade pelo bastão, a fenda das ondas se estendeu até a margem oposta.

Onde o mar se havia dividido, Moisés desceu até o fundo; junto com todo o povo, estava nas profundezas, com o corpo enxuto e iluminado pelo sol. No fundo seco do mar, atravessou a pé os abismos, sem temer aquela muralha de ondas que se haviam formado de um lado e de outro: uma fortificação reta, feita dos lados d'Eles, da solidificação do mar (Ex 14, 19-22). Porém, quando o Faraó entrou com os egípcios no mar pelo caminho aberto recentemente entre as ondas, as águas se uniram novamente com as águas; o mar, fechando-

se sobre si mesmo segundo sua forma primitiva, mostrou a superfície da água novamente unida, enquanto os israelitas, na margem oposta, se refaziam do grande esforço de sua marcha através do mar. Então, cantaram a Deus um canto de vitória por haver erguido para eles um troféu sem derramamento de sangue, posto que os egípcios haviam sido aniquilados sob as águas com todo seu exército, seus cavalos, seus carros e suas armas (Ex 14, 26-15, 21).

Depois disto, Moisés continuou avançando e, após haver percorrido durante três dias um caminho sem água, encontrou-se em grandes dificuldades ao não ter como saciar a sede do exército. Havia uma lagoa de água salobra, mais amarga que a água do mar, ao redor da qual acamparam. Estavam ali sentados em torno da água, devorados pela ânsia de água. Moisés, impelido por uma inspiração divina, tendo encontrado um pedaço de pau naquele lugar, atirou-o na água que, imediatamente, se converteu em potável pela própria força daquele lenho, que transformou a natureza da água de salobra em doce (Ex 15, 22-25).

Posto que a nuvem empreendesse novamente a marcha para adiante, eles se puseram também em marcha, seguindo o movimento de seu guia. Faziam sempre o mesmo, parando onde a detenção da nuvem lhes dava o sinal de descanso e empreendendo a marcha precisamente quando a nuvem recomeçava a guiá-los. Seguindo este guia, chegaram a um lugar regado por água potável, banhado generosamente por doze fontes e que recebia a sombra de um bosque de palmeiras. As palmeiras eram setenta. Apesar de número tão pequeno, bastavam para produzir grande admiração a quem as olhava, porque eram de excepcional beleza e altura (Ex 15,

27). Tendo o guia se posto novamente em movimento, isto é, a nuvem, conduziu o exército dali para outro lugar. Este era um deserto de areia seca que queimava, sem uma única gota de água que umedecesse aquele lugar. Aqui, o povo foi atormentado novamente pela sede. Uma pedra situada a uma certa altura, golpeada com a vara por Moisés, deu água doce e potável, mais que suficiente para a necessidade do exército (Ex 17, 1-6).

Ali mesmo, acabou-se a provisão de alimentos que haviam trazido do Egito para o caminho. O povo foi acossado pela fome, e teve lugar o milagre maior de todos: o alimento não lhes brotava da terra, como seria natural, mas vinha gotejado de cima, do céu, em forma de orvalho. Pois, ao amanhecer do dia, caía para eles um orvalho. Este orvalho se convertia em alimento para os que o recolhiam. O que caía não eram gotas líquidas de água, como ocorre normalmente com o orvalho, mas, em lugar de gotas de água, caíam grãos parecidos com gelo; sua forma era redonda como semente de coentro, e seu sabor parecia a doçura do mel (Ex 16, 14).

Capítulo 5

Junto com este prodígio, observava-se outro. Todos os que haviam saído para a coleta eram evidentemente diferentes em idades e forças. Não obstante, não obtinha um mais e o outro menos conforme a diferença de forças existente entre eles, mas o que era recolhido era proporcional à necessidade de cada um, de forma que nem o mais forte conseguia mais, nem o mais fraco tinha menos do que a medida justa. Além deste prodígio, a história narra outro: cada um recolhia para o dia e não guardava nada para depois; se

alguém, por economia, reservava algo do alimento do dia para o amanhã, o reservado tornava-se inútil para a alimentação, pois ficava infectado de bichos (Ex 16, 16-24).

Na história desse alimento, deu-se também este outro prodígio. Uma vez que um dia da semana era celebrado com o descanso, conforme uma disposição antiga, no dia anterior, embora caísse o mesmo alimento dos dias precedentes e o esforço de quem o recolhia fosse também o mesmo, resultava que a quantidade era o dobro da habitual, de forma que não tinham nenhum pretexto para não cumprir a lei do descanso. O poder divino se mostrou ainda mais plenamente nisto: enquanto as sobras tornavam-se inúteis nos outros dias, só o armazenado no dia anterior ao sábado – assim se chamava o dia de descanso – mantinha-se sem corrupção, de modo que em nada parecia mais estragado em relação à véspera (Ex 16, 25-30).

Houve uma guerra d'Eles contra um povo estrangeiro. A narração chama amalecitas aos que se uniram então contra eles. Foi naquela ocasião que os israelitas se organizaram pela primeira vez no sentido de batalha: não foram lançados à luta todos em um exército completo, mas foram selecionados por seu valor, e os escolhidos foram designados para a peleja. Nesta peleja, Moisés mostrou uma nova forma de luta: enquanto Josué, que era quem guiava o povo depois de Moisés, comandava a batalha aos amalecitas, Moisés, fora da luta, a partir de uma colina, olhava para o céu enquanto, de um lado e de outro, o assistiam dois de seus familiares (Ex 17, 8-10).

Sabemos pela história que, entre as coisas que então aconteceram, teve lugar este prodígio: se Moisés mantinha as mãos elevadas ao céu, seu exército cobrava forças contra os inimigos; porém, se as abaixava, também o exército cedia ao assalto dos estrangeiros. Ao perceberem isto, os que assistiam a Moisés, colocando-se de um lado e de outro, sustentavam-lhe as mãos quando, por alguma causa desconhecida, elas se tornavam pesadas e difíceis de se mover. E como eles eram fracos para mantê-lo em posição ereta, escoraram sua posição com uma pedra, conseguindo que Moisés mantivesse as mãos levantadas ao céu com este apoio. Feito isto, os estrangeiros foram dominados pelas forças dos israelitas (Ex 17, 11-13).

A nuvem que guiava o caminhar do povo permanecia no mesmo lugar; era preciso que também não se movesse o povo, já que não havia guia para seu caminhar. Desta forma, tinham abundância para viver sem esforço: acima, o ar fazia chover sobre eles um pão preparado; e abaixo, a pedra lhes proporcionava água; a nuvem aliviava os inconvenientes do ar livre, pois durante o dia convertia-se em anteparo contra o calor do sol e, durante a noite, dissipava a escuridão, iluminando com seu fogo. Por esta razão, não lhes era penoso deter-se naquele deserto ao pé do monte em que se instalara o acampamento.

Capítulo 6

Neste tempo, Moisés foi para eles guia de uma iniciação mais misteriosa: foi propriamente a força divina que, por meio de prodígios que superam todos os discursos, iniciou no mistério todo o povo e seu guia. A iniciação no

mistério realizou-se desta maneira: pediu-se ao povo que permanecesse livre de todas as manchas que podem ocorrer no corpo e na alma e que se abstinêsse de relações conjugais durante o número estabelecido de três dias, de forma que, purificados de toda disposição passional e corporal, se aproximassem da montanha, livres de paixões para serem iniciados. O nome desta montanha era Sinai. Só se permitia o acesso aos seres racionais, e só àqueles que estavam purificados de toda mancha. Havia completa vigilância e precaução para que nenhum dos seres irracionais subisse à montanha, e para que fosse apedrejado pelo povo todo ser irracional que desejasse vir à montanha (Ex 19, 1-15).

Capítulo 7

O espetáculo não só produzia espanto na alma através dos olhos, mas também infundia terror através dos ouvidos, pois um ruído estrondoso se difundia do alto para todos os que estavam abaixo. Sua primeira escuta já era penosa e insuportável para todo ouvido, pois parecia o troar das trombetas, porém superava toda comparação pela intensidade e pelo terrível ruído; ao aproximar-se, tornava-se ainda mais espantoso, aumentando sempre seu som. Tratava-se de um ruído articulado: o ar, pelo poder divino, articulava a palavra sem órgãos vocais. Esta palavra não era pronunciada sem substância, mas promulgava mandatos divinos. A palavra crescia em intensidade na medida em que alguém avançava, e a trombeta ultrapassava a si mesma, superando sempre os sons já emitidos com os que se seguiam (Ex 19, 19).

Todo o povo era incapaz de suportar o que via e ouvia. Por esta razão, apresentaram todos uma súplica a Moisés: que

fosse mediador da lei, pois o povo não se negaria a crer que era mandato divino tudo o que ele lhes mandasse conforme a instrução recebida do alto. Havendo todos descido novamente ao pé da montanha, Moisés foi deixado só e mostrou em si mesmo o contrário do que poderia parecer natural. Enquanto os demais suportam melhor as situações temíveis se estão todos juntos, este se fez mais animado quando se afastou dos que o acompanhavam, manifestando que o medo que experimentara no início não era próprio d'Ele, mas que o havia padecido por padecer juntamente com aqueles que estavam assustados.

Moisés, livre da covardia do povo como de uma carga, fica só consigo mesmo. É então que enfrenta as trevas e penetra dentro das realidades invisíveis, desaparecendo da vista dos que olhavam. Havendo entrado no santuário do mistério divino, ali, sem ser visto, entra em contato com o invisível, penso que ensinando com isto que quem quiser se aproximar de Deus deve afastar-se de todo o visível e, como quem está sobre um monte, levantando sua mente para o invisível e incompreensível, crer que a divindade está ali onde a inteligência não alcança. Chegando ali, recebe os mandamentos divinos (Ex 20, 1-17).

Estes consistiam em um ensinamento sobre a virtude, cujo ponto principal é a piedade e ter uma concepção acertada sobre a natureza divina, isto é, que esta transcende todo conceito e toda representação, sem que possa ser comparada com nenhuma das coisas conhecidas. Ele recebe a ordem de não considerar em sua reflexão sobre a Divindade nenhuma das coisas compreensíveis e de não comparar a natureza que a tudo transcende a nenhuma das coisas

conhecidas por meio de conceitos, mas apenas crer que existe e deixar sem investigar, como algo inacessível, como é, quão grande seja, onde está, qual é sua origem. A palavra divina acrescenta a isto as orientações que concernem aos costumes, finalizando seus ensinamentos com preceitos gerais e particulares. É geral a lei que proíbe toda a injustiça quando diz que é necessário comportar-se em relação ao próximo com amor, pois, ao observá-la, resultará como consequência que ninguém causará nenhum mal a seu próximo. Entre as leis particulares, está prescrito o honrar os progenitores, e encontra-se enumerado o catálogo das faltas condenadas (Ex 21-23).

Como se sua inteligência tivesse sido purificada com estes preceitos, Moisés avança a uma mistagogia ao lhe mostrar o poder divino, o conjunto de uma tenda de campanha. Esta tenda era um santuário cuja beleza era de uma variedade impossível de explicar: os vestibulos, as colunas, os tapetes, a mesa, as lâmpadas, o altar dos perfumes, o altar dos holocaustos e o propiciatório; e, no interior do Santo, o impenetrável e inacessível. Para que a beleza e a disposição de todas estas coisas não fugissem de sua memória, e para que esta maravilha fosse mostrada também aos que estavam no pé do monte, ele recebe a ordem de não confiá-lo à simples escritura, mas de imitar em uma construção material aquela obra imaterial, utilizando nela os materiais mais preciosos e esplêndidos que se encontram sobre a terra.

Capítulo 8

Entre estes, o ouro, o mais abundante, revestia todo o perímetro das colunas; a prata era utilizada junto com o ouro para adornar os capitéis e as bases das colunas, com a finalidade – isto é o que penso – de que, com a diferença de cor em cada lado, o ouro brilhasse mais ao ser contemplado. Havia também lugares em que se julgou útil o material de bronze para que servisse de capitel e de base para a parte de prata das colunas (Ex 25, 1-22). Os véus, os tapetes, os arredores do templo e o toldo estendido sobre as colunas, todas estas coisas estavam realizadas convenientemente, cada uma tecida com a sabedoria da arte do tecelão e feita da matéria apropriada. Algumas telas tinham a cor de jacinto e púrpura, o flamejar do rubro vermelhão, o esplendor do algodão em sua forma natural e sem artifício; outras eram feitas de linho, e outras de crinas, segundo o uso dos tecidos. Em alguns lugares, haviam sido colocadas, para adorno das tendas, peles cuidadosamente tingidas de vermelho (Ex 26, 1-4).

Após sua descida do monte, Moisés fez com que alguns artesãos construíssem estas coisas conforme o modelo da construção que lhe tinha sido mostrado. Também, quando se encontrava naquele templo não feito por mão de homem, foi-lhe prescrito com que ornamentos era necessário que o sacerdote estivesse ataviado ao entrar no santuário; a palavra lhe deu instruções no que concerne tanto à vestimenta interior quanto à exterior. As peças destes ornamentos começam pelo que é mais exterior, não pelo que está oculto. O peitoral era bordado de diversas cores, o mesmo para o véu, porém tinha ainda um fio de ouro com broches de ambos os

lados que prendiam o peitoral e nos quais haviam esmeraldas engastadas em círculo por meio do ouro. A beleza destas pedras provinha do esplendor próprio de sua natureza – que reluzia com raios verde-mar que emanavam dela – e do prodígio da arte com que haviam sido talhadas. Não se tratava dessa arte que executa um talhado para reproduzir a imagem de alguns ídolos, mas a beleza provinha dos nomes dos patriarcas gravados nas pedras, seis em cada uma (Ex 28, 6-12).

Haviam pendurado pequenos escudos na parte da frente; as correntes se desdobravam entrelaçadas entre si com certa alternância como um cordão e desciam de cada lado desde cima, desde os broches, com o fim – assim penso – de que resplandecesse mais a beleza do trançado, realçada pelas coisas que se encontravam abaixo (Ex 28, 13-14). Depois, aquele ornamento tecido de ouro era colocado diante do peito, no qual havia pedras de diversas classes em número igual ao dos patriarcas, ordenadas em quatro filas, com três pedras incrustadas em cada uma, que levavam escritos os nomes das tribos. A túnica que havia embaixo do peitoral descia do colo até as pontas dos pés, adornada nobremente com franjas pendentes. A borda inferior não só era trabalhada formosamente com variedade de tecido, como também com adornos de ouro. Estes consistiam em campainhas de ouro e romãs colocadas alternadamente ao longo da fímbria (Ex 28, 15-35).

Logo, a mitra da cabeça era toda violeta; a lâmina da frente, de ouro puro, gravada com um sinal inefável. E, além disso, o cingulo, que cingia as pregas da túnica, e a finura das vestes íntimas, e tudo o que, por meio da beleza dos vestidos,

se ensinava simbolicamente sobre a virtude sacerdotal (Ex 28, 36-40). Moisés, depois de envolvido por aquelas trevas que o faziam invisível, foi instruído em relação a estas coisas e a outras parecidas por inefável ensinamento de Deus, chegando, pela aquisição de doutrinas secretas, a ser maior que ele mesmo; então, sai novamente das trevas e desce até sua gente para fazê-los partícipes das maravilhas que lhe haviam sido mostradas na teofania, estabelecer as leis e instituir para o povo o templo e o sacerdócio conforme o modelo que lhe havia sido mostrado no monte.

Levara também em suas mãos as tábuas sagradas, que eram iniciativa e presente divino, cuja fabricação não tivera ajuda humana, pois a matéria e o que havia escrito nelas eram igualmente obra de Deus. O que estava escrito era a Lei. Porém, o povo resistiu à graça e se extraviou na idolatria antes que o Legislador voltasse (Ex 32, 15-16).

Capítulo 9

Naquela divina mistagogia, Moisés havia passado em conversação com Deus um tempo não pequeno e, sob as trevas, participara daquela vida eterna durante quarenta dias com suas noites (Ex 24, 18), estando fora de sua própria natureza. Durante aquele tempo, com efeito, não necessitou de alimento para seu corpo. Então, como um menino que se encontra longe da vista de seu professor, o povo se deixou levar pela desordem de seus impulsos desenfreados e, reunindo-se em torno de Aarão, forçaram-no, ele que era o sacerdote, a conduzi-los à idolatria (Ex 32, 1-9). Tendo feito um ídolo de ouro – o ídolo era um bezerro –, entregaram-se à impiedade.

Quando Moisés voltou a eles, quebrou as tábuas que trazia em nome de Deus, para que eles, privados da graça que Deus lhes havia preparado, recebessem um castigo digno de seu pecado (Ex 32, 19). Faz então com que seja expiado o sacrilégio diante dos levitas com o sangue do povo. Havendo aplacado a divindade com seu zelo contra os estrangeiros e tendo destruído o ídolo, depois de outro período de quarenta dias, traz novamente as tábuas, escritas pelo poder divino, porém cuja matéria havia sido preparada pelas mãos de Moisés (Ex 32, 25-29). Ele as traz, depois de haver saído outra vez dos limites da natureza pelo mesmo número de dias, levando um modo de vida diferente daquele que nos é conhecido, já que não dava a seu próprio corpo nada do que necessitava a natureza para sustentar-se por meio de alimento (Ex 34, 1-28).

Capítulo 10

Assim, construiu-lhes a tenda e transmitiu-lhes as leis, estabelecendo o sacerdócio conforme o que lhe havia sido ensinado por Deus. Depois, fez com que se realizassem os trabalhos materiais conforme a instrução divina: a tenda, os vestíbulos, todas as coisas interiores, o altar de incenso, o altar dos holocaustos, o lampadário, os tapetes, as cortinas, o propiciatório no interior do santuário, os ornamentos sacerdotais, os perfumes, os diversos sacrifícios, as purificações, os ritos de ação de graças, de impetração contra os males, de expiação dos pecados; tendo ordenado todas estas coisas da maneira devida, suscitou contra si a inveja de seus íntimos, essa enfermidade tão familiar à natureza dos homens.

De fato, tanto Aarão, honrado com a dignidade do sacerdócio, como também sua irmã Maria, movida por uma inveja especificamente feminina contra a honra que Deus havia dado a ele, disseram coisas que moveram Deus a castigar este pecado. Nesta ocasião, Moisés se mostrou digno de admiração por sua mansidão, pois, enquanto Deus queria castigar a ilógica inveja, ele antepunha a natureza à cólera e intercedia perante Deus por sua irmã (Nm 12, 1-13).

A plebe se entregou novamente à desordem. O começo do pecado foi a desmedida nos prazeres do ventre. Não lhes bastava viver saudável e agradavelmente do alimento que lhes vinha de cima, mas o desejo de iguarias e a ânsia de comer carne os fizeram preferir a perpétua escravidão do Egito aos bens que já tinham. Moisés falou com Deus a respeito da paixão que se abatera sobre eles, e este, ao lhes conceder alcançar precisamente aquilo que desejavam, ensinou-lhes que não era conveniente se comportar assim. De improviso, fez cair no acampamento uma multidão de pássaros que voavam em grande número à altura do solo, com o que, facilmente caçados, saciou o desejo dos que ansiavam por carne fresca (Nm 11, 4-6 e 31-32). Para uma grande parte d'Eles, o excesso de comida transformou o equilíbrio dos humores de seus corpos em vômitos corrompidos, e a saciedade converteu-se em enfermidade e morte. Seu exemplo foi suficiente para levar a temperança a eles mesmos e aos que os assistiam (Nm 11, 33-34).

Então, Moisés enviou exploradores àquela região que, segundo a promessa divina, esperavam habitar. Como nem todos contaram a verdade, mas alguns deram notícias falsas e más, o povo se encheu de ira contra Moisés mais uma vez.

Aqueles que desconfiaram da ajuda divina, Deus castigou, não lhes deixando ver a terra que lhes havia prometido (Nm 13, 1-14, 38).

Ao prosseguir sua marcha através do deserto, faltou novamente a água e, juntamente com ela, lhes faltou a lembrança do poder de Deus. Na verdade, o prodígio da rocha que já tivera lugar não lhes foi suficiente para crer que nada do necessário lhes faltaria agora, mas, afastando-se das mais saudáveis esperanças, propalaram ultrajes contra Deus e contra Moisés até o ponto em que mesmo Moisés pareceu se deixar levar pela desconfiança do povo. Não obstante, novamente realiza o milagre, transformando em água aquela rocha bruta (Nm 20, 2-11).

Mais uma vez, o prazer vulgar da comida despertou neles o desejo de fartar-se e, embora ainda não lhes faltasse nenhuma das coisas necessárias para a vida, sonharam com a saciedade do Egito. Os jovens rebeldes foram corrigidos com castigos mais severos, ao lhes inocular veneno as serpentes, mordendo-os em um ataque mortal (Nm 21, 4-6). Posto que um após outro sucumbiam à serpente, o Legislador, movido pelo conselho divino, fez uma figura de serpente em bronze e mandou colocá-la no alto para que estivesse à vista de todo o acampamento. Assim, deteve o dano que estes animais faziam ao povo e pôs fim à sua destruição. Quem olhava para a imagem da serpente feita de bronze não tinha por que temer nenhuma mordida da serpente verdadeira, porque o olhar debilitava o veneno com uma misteriosa resistência (Nm 21, 7-9).

Capítulo 11

Como mais uma vez se originasse no povo uma rebelião para conseguir o poder, e alguns tentassem pela força que fosse transferido para eles o sacerdócio, ele suplicou uma vez mais a Deus pelos que pecavam; porém, o rigor do juízo divino foi mais forte que a compaixão de Moisés por sua gente. A terra, que por vontade divina se abriu como uma boca, fechou-se novamente sobre si mesma, tragando totalmente todos os que se opunham à autoridade de Moisés; aqueles que se haviam envolvido em intrigas para alcançar o sacerdócio, devorados pelo fogo em número próximo de duzentos e cinquenta, com sua desgraça ensinaram sensatez ao povo (Nm 16, 1-35).

Para que os homens se persuadissem mais de que a graça do sacerdócio é concedida por Deus aos que são dignos, Moisés fez com que os homens principais de cada tribo trouxessem bastões, marcados cada um com o sinal de seu dono. Entre estes, encontrava-se o do sacerdote Aarão. Tendo colocado os bastões diante do santuário, neles mostrou ao povo o desígnio de Deus no que diz respeito ao sacerdócio: dentre todos, somente o bastão de Aarão floresceu e produziu fruto do lenho – o fruto era uma noz – e o levou ao amadurecimento (Nm 17, 16-24). Mesmo para os que não criam, pareceu um enorme prodígio que o que estava seco, sem casca e sem raiz, se tornasse fértil de repente, realizando o que as plantas com raízes realizam, fazendo o poder divino, para o lenho, as vezes da terra, do córtex, da umidade, da raiz e do tempo.

Depois disto, Moisés, guiando o exército entre povos estrangeiros que se opunham à sua passagem, prometeu com juramento que o povo não atravessaria suas lavouras nem seus vinhedos, mas que seguiria o caminho real, sem desviar-se nem para a direita nem para a esquerda. Como nem assim se aquietassem os inimigos, vencendo seu adversário em combate, fez-se dono do caminho (Nm 20, 17).

Então, certo Balac, que dominava sobre o povo mais importante – madianitas era o nome desse povo –, compadecido da sorte dos vencidos e imaginando que padeceria as mesmas coisas por parte dos israelitas, não levou em sua ajuda nenhum contingente de armas ou de pessoas, mas a arte da magia através de certo Balaão, o qual tinha fama de ser versado nestas coisas e, segundo a convicção daqueles que o haviam procurado, tinha certo poder nesta atividade. Sua arte era a da adivinhação; porém, com a ajuda dos demônios, era temível, fazendo cair males incuráveis sobre os homens com poder mágico (Nm 22, 2-8). Este, enquanto seguia aos que o conduziam ao rei do povo, conheceu pela voz da jumenta que o caminho não lhe seria favorável. Depois, conhecendo por uma visão o que devia fazer, descobriu que sua magia era demasiado débil para causar dano àqueles que estavam acompanhados por Deus na luta.

Balaão, possuído pela inspiração divina em lugar da energia dos demônios, disse palavras tais que claramente são uma profecia das melhores coisas que sucederiam mais adiante aos israelitas. Ao ser impedido de utilizar sua arte para o mal, tomando então consciência do poder divino, afastou-se da adivinhação e fez-se intérprete da vontade divina (Nm 22, 22-24). Depois disto, os estrangeiros foram exterminados

pelo povo em um combate contra eles; este, por sua vez, resultou vencido pela paixão da incontinência pelas cativas. Finéias atravessou com uma só lança os que estavam entrelaçados na ignomínia; então, teve descanso a cólera de Deus contra aqueles que se haviam deixado arrastar às uniões ilícitas (Nm 25, 1-9).

Finalmente, o Legislador, subindo a um monte e contemplando de longe a terra que estava preparada para Israel segundo a promessa feita por Deus aos pais, abandonou a vida humana sem haver deixado sobre a terra nenhum sinal, nem uma recordação de seu trânsito com algum monumento funerário. O tempo não havia maltratado sua formosura, nem obscurecido o fulgor de seus olhos, nem debilitado a graça resplandecente de seu rosto (Dt 34, 1-7), mas permaneceu sempre idêntico a si mesmo e, desta forma, conservou, mesmo na maturidade, a imutabilidade na beleza.

Expus para ti, em grandes traços, quanto aprendemos sobre a história do homem em seu sentido literal, ainda que também tenhamos alargado necessariamente o discurso naquelas coisas em que de algum modo havia razão para isso. Talvez já seja tempo de aplicar a vida que acabamos de recordar ao objetivo a que nos propusemos em nosso discurso, com o fim de obter alguma utilidade para a vida virtuosa. Retomemos, pois, o começo do relato desta vida.

Segunda Parte:

Interpretação Espiritual da Vida de Moisés

Capítulo 1: O Nascimento de Moisés e a Escolha da Virtude

Moisés nasceu precisamente quando o tirano havia ordenado matar os varões (Ex 1, 16). Como o imitaremos com nossa livre escolha nas circunstâncias do nascimento deste homem? “Não está em nosso poder” – dirá seguramente alguém – “comparar aquele ilustre nascimento com nosso nascimento.” Não obstante, não é difícil começar a imitação por aquilo que parece mais inacessível.

Quem desconhece que todo ser sujeito à mudança nunca permanece idêntico a si mesmo, mas continuamente passa de um estado a outro, pois a mudança sempre se opera para melhor ou para pior? Apliquemos isto ao nosso assunto. O “feminino” da vida, aquele que o tirano quer que sobreviva, é a índole material e passional a que é conduzida, ao escorregar, a natureza humana; por outro lado, o “renovo varonil” é o impetuoso e forte da virtude, que é hostil ao tirano e que a este resulta suspeito de rebelião contra seu poder. É necessário que aquele que é submetido à mudança seja de algum modo gerado constantemente, pois na natureza mutável não há nada que permaneça totalmente idêntico a si mesmo.

Além disso, ser gerado deste modo não provém de um impulso exterior, à semelhança dos que geram corporalmente o que não preveem, mas este nascimento tem lugar por nossa livre escolha. Somos, de certa forma, nossos próprios pais: geramos a nós mesmos de acordo com o que queremos ser. Mediante a livre escolha, nos adaptamos ao modelo que escolhemos: varão ou fêmea, virtude ou vício. Por esta razão, apesar da hostilidade e do desgosto do tirano, nos é possível chegar à luz com um nascimento mais nobre e ser contemplados com agrado pelos pais deste parto formoso. Estes pais da virtude seriam os pensamentos, e permanecer na vida mesmo que isto seja contrário à intenção do tirano.

Se, partindo da história, colocássemos mais em evidência seu sentido íntimo, o discurso ensinaria isto: no começo da vida virtuosa encontra-se o nascer que provoca tristeza ao inimigo, referindo-me a esta forma de nascimento em que o livre-arbítrio faz o papel de parteira. Pois ninguém causa tristeza ao inimigo se não mostra já, em si mesmo, sinais que dão testemunho de sua vitória sobre ele. Pertence exclusivamente ao livre-arbítrio dar à luz este rebento varonil e virtuoso e mantê-lo com alimentos convenientes, assim como prover que se salve incólume da água.

Aqueles que entregam seus filhos ao tirano os expõem nus e sem proteção à corrente. Chamo “corrente” à vida agitada com sucessivas paixões; o que cai nesta corrente, afundando, submerge nela e se afoga. Os sábios e providentes pensamentos, que são os pais deste filho varão, quando a necessidade da vida os obriga a depositar seu bem descendente nas ondas da vida, protegem aquele que põem na corrente em uma cesta, para que não se afunde. Essa cesta,

tecida com fibras diversas, é a educação, tecida por sua vez com diversas disciplinas; sobre as ondas da vida, ela manterá flutuando aquele que leva (Ex 2, 3). Graças a ela, este não vaguará muito na agitação das águas, levado de um lado para outro pelo movimento das ondas, mas, tendo chegado à estabilidade da terra firme, isto é, tendo saído da agitação da vida, será empurrado para o estável pelo impulso mesmo das águas.

A experiência também nos ensina isto: a instabilidade e a mudança constante dos negócios deixam longe de si aqueles que não estão imersos nos enganos humanos, considerando uma carga inútil os que lhes são nocivos por sua virtude. Quem conseguir permanecer fora destas coisas, que imite Moisés e não evite lágrimas, embora se encontre protegido em uma arca. As lágrimas, com efeito, são proteção segura para os que se salvam através da virtude. E se a mulher sem filhos e estéril, que é filha do rei – penso que ela representa propriamente a sabedoria pagã –, fazendo passar por seu o recém-nascido, tenta ser chamada mãe deste, a palavra aceita que não se recuse o parentesco desta pretendida mãe, contanto que se considere nela o imperfeito da idade. Porém, quem corre para o alto – como sabemos de Moisés – experimenta a vergonha de ser chamado filho de quem é estéril por natureza.

A cultura pagã é verdadeiramente estéril, sempre grávida, porém sem jamais dar à luz em um parto. Pois, após seus grandes períodos de gravidez, que fruto pode mostrar a filosofia que seja digno de tais e tantos esforços? Acaso não são todos vazios e imaturos, abortados antes de chegar à luz do conhecimento de Deus, podendo talvez ter chegado a

homens se não tivessem estado completamente fechados no sentido de uma sabedoria estéril?

Capítulo 2: O Retorno à Mãe Verdadeira e a Luta Interior

Portanto, quando alguém tiver convivido com a rainha dos egípcios, embora não pareça excluído de suas magnificências, deve correr àquela que é a mãe por natureza, da qual Moisés não se separou no tempo de sua infância junto da rainha, uma vez que foi amamentado, como conta a história, com o leite materno. Isto ensina, a meu ver, que, se no tempo de nossa educação convivemos estreitamente com os pensamentos pagãos, devemos não nos separar do leite da Igreja que nos alimenta. O leite são os preceitos e costumes da Igreja, com os quais a alma se alimenta e se fortifica, tomando daqui o ponto de partida para subir ao alto.

É verdade que o pensamento de quem presta atenção aos ensinamentos pagãos e aos ensinamentos pátrios se encontrará entre dois inimigos (Ex 2, 11-12). O pensamento religioso estrangeiro resiste à palavra hebraica, disputando continuamente para parecer mais forte que a de Israel. Assim pareceu a muitos dos mais superficiais, os quais, abandonando a fé paterna, misturaram-se com os inimigos, convertidos em transgressores dos ensinamentos de seus pais. Porém, quem é grande e nobre, seguindo o exemplo de Moisés, mostra com seu golpe de lança que é alma morta a doutrina que se levanta contra o discurso da verdade.

Interpretando esta passagem de forma diversa, talvez alguém encontre esta luta dentro de nós. O homem se

encontra, como o troféu de um certame, no meio daqueles competidores que o pretendem; faz vencedor do certame aquele a quem se inclina. Assim ocorre com a idolatria e o culto verdadeiro a Deus, a intemperança e a moderação, a justiça e a injustiça, a soberba e a humildade, e todas as coisas que se subentendem contrapostas na luta aberta de egípcio contra hebreu. Moisés nos ensina aqui, com seu exemplo, a ajudar a virtude como a alguém da própria estirpe e a repelir o adversário que a ataca. O triunfo da piedade é, ao mesmo tempo, morte e aniquilação da idolatria. Da mesma forma, a injustiça é destruída com a justiça, e mata-se a soberba com a humildade.

A contenda entre os dois compatriotas tem lugar também entre nós (Ex 2, 13). Não existiriam as invenções doutrinárias das perversas heresias se não lutassem, em blocos contrapostos, as argumentações erradas contra as verdadeiras. Se somos demasiado débeis para dar, por nós mesmos, o triunfo ao que é justo, e o mal prevalece com seus argumentos e repele o primado da verdade, temos que fugir disto o mais rapidamente possível, partindo do exemplo da história de Moisés (Ex 2, 15), até um ensinamento melhor e mais sublime dos mistérios. E se for necessário viver de novo no estrangeiro, isto é, se houver uma necessidade que nos force a tratar com a filosofia pagã, façamo-lo depois de haver afastado os perversos pastores do uso injusto dos poços (Ex 2, 17), isto é, depois de haver refutado os mestres da maldade pelo mau uso da educação.

Deste modo, viveremos a sós com nós mesmos, sem chegar às mãos dos adversários ou nos colocar no meio d'Eles, mas viveremos na companhia dos que estão apascentados por

nós, iguais no sentir e no pensar: todos os movimentos da alma que existem em nós, como ovelhas apascentadas pelo querer da razão, que é a que dirige. Quando estivermos dedicados a esta paz e a este pacífico repouso, então brilhará a verdade, enchendo de luz, com seus próprios fulgores, os olhos da alma. Deus mesmo é a verdade que se manifestou então a Moisés através daquela inefável iluminação.

Capítulo 3: A Sarça Ardente e o Mistério da Verdade

Nem sequer o fato de que o resplendor que ilumina a alma do profeta se acende de um arbusto de espinhos (Ex 3, 1-6) é inútil em nossa busca. Se Deus é a verdade (Jo 14, 6; 8, 12), e a verdade é luz, e a palavra do Evangelho utiliza estes nomes sublimes e divinos para o Deus que se manifestou a nós através da carne, conclui-se que este caminho da virtude nos conduz ao conhecimento daquela luz que desceu até a natureza humana. Não brilha com a luz que se encontra nos astros, para que não se pense que seu resplendor provém de alguma matéria que ali está oculta, mas com a luz de uma sarça da terra, que, com seus resplendores, ilumina mais que todos os astros do céu.

Esta passagem nos ensina o mistério da Virgem: a luz da divindade, que, graças ao seu parto, ilumina a vida humana, guardou incorrupta a sarça que ardia, sem que a flor da virgindade se secasse no parto. Com esta luz, aprendemos o que devemos fazer para permanecer dentro dos resplendores da luz verdadeira: não é possível correr com os pés calçados até aquela altura da qual se contempla a luz da verdade, mas

é necessário despojar os pés da alma de seu invólucro de peles, morto e terreno, com o qual foi revestida a natureza no princípio, quando fomos despidos por causa da desobediência à vontade divina (Gn 3, 21).

Se fizermos isto, seguir-se-á o conhecimento da verdade, pois ela manifestará a si mesma, já que o conhecimento do que é se converte em purificação da opinião em relação ao que não é. A meu ver, esta é a definição da verdade: não errar no conhecimento do ser. O erro é uma ilusão que se produz no pensamento a respeito do que não é, como se o que não existe tivesse consistência, enquanto a verdade é um conhecimento firme do que verdadeiramente existe. Desta forma, alguém, depois de ter passado muito tempo em solidão, embebido em altas meditações, conhecerá com esforço o que é verdadeiramente existente – aquilo que tem ser por sua própria natureza – e o que é o não existente, isto é, aquilo que tem ser só em aparência, ao ter uma natureza que não subsiste por si mesma (Ex 3, 14).

Julgo que o grande Moisés, instruído pela teofania, compreendeu então que, fora da causa suprema de tudo, na qual tudo tem consistência, nenhuma das coisas que são captadas com os sentidos e que se conhece com o pensamento tem consistência no ser. Ainda que a mente considere diversos aspectos nos seres, o pensamento não vê nenhum d'Eles com tal suficiência que não necessite em nada de outro, isto é, com tal suficiência que lhe seja possível existir sem participar do ser. O que sempre é de igual forma, aquele que nem cresce nem diminui, aquele que não se move a nenhuma mudança, nem para melhor nem para pior, este é, na verdade, alheio ao pior e não há nada melhor que ele;

aquele que é participado por todos e que não fica diminuído com esta participação: este é o que verdadeiramente existe, e cuja contemplação é o conhecimento da verdade.

Capítulo 4: Os Primeiros Prodígios e a Encarnação

Moisés chegou então a isto, e agora chega também todo aquele que, seguindo seu exemplo, despoja a si mesmo de sua envoltura terrena e olha para a luz que sai da sarça, isto é, o raio de luz que nos ilumina através da carne cheia de espinhos, que é, como diz o Evangelho, a luz verdadeira (Jo 1, 9) e a verdade (Jo 14, 6). Então, este se torna capaz de prestar ajuda aos demais no sentido da salvação, de destruir a tirania daquele que domina com artes más e de encaminhar à liberdade os que estão debaixo da tirania de perversa escravidão.

A transformação da mão direita e a mudança do bastão em serpente (Ex 4, 3-7) são o começo dos prodígios. Parece-me que nestes prodígios se dá a entender simbolicamente o mistério da manifestação da Divindade aos homens através da carne do Senhor, graças à qual tem lugar a destruição do tirano e a libertação dos que estão oprimidos por ele. Leva-me a esta interpretação o testemunho profético e evangélico. O profeta diz: “Esta é a mudança da destra do Altíssimo” (Sl 76, 11), como se a Divindade, considerada imutável, tivesse mudado conforme nosso aspecto e figura por condescendência para com a debilidade da natureza humana.

A mão do Legislador tomou uma cor distinta da que lhe é natural ao ser tirada do peito; voltando novamente ao peito,

retornou à beleza que lhe era própria e natural. O Deus Unigênito, o que está no seio do Pai (Jo 1, 18), é a direita do Altíssimo (Sl 76, 11). Quando se manifestou a nós, saindo do seio, transformou-se conforme nossa forma de ser; depois de haver curado nossa enfermidade, recolheu novamente ao seio da direita do Pai a mão que havia estado entre nós e que tomara nossa cor. Não tornou passível o que era de natureza impassível, mas, por sua comunicação com o que era impassível, transformou em impassibilidade aquilo que era mutável e passível.

A transformação do bastão em serpente não há de perturbar os amigos de Cristo, como se tivéssemos que harmonizar a palavra do mistério com um animal que lhe é oposto (Ex 4, 3; 7, 10; Nm 21, 9). A verdade mesma não afasta esta imagem quando diz com a voz do Evangelho: “Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que seja levantado o Filho do homem” (Jo 3, 14). O sentido é claro. Se o pai do pecado foi chamado serpente pela Sagrada Escritura (Gn 3, 1), e o que nasce da serpente é verdadeiramente serpente, segue-se que o pecado tem o mesmo nome daquele que o gerou. A palavra do Apóstolo dá testemunho de que o Senhor se fez pecado por nós (2Cor 5, 21), ao revestir-se de nossa natureza pecadora.

O símbolo se acomoda ao Senhor como foi dito. Se a serpente é pecado e o Senhor se fez pecado, a consequência será evidente a todos: quem se fez pecado, fez-se serpente, a qual não é outra coisa senão pecado. Fez-se serpente por nós para comer e destruir as serpentes dos egípcios produzidas pelos magos. Uma vez feito isto, a serpente transforma-se novamente em bastão (Ex 7, 12), com o qual são castigados os

que pecam e são aliviados os que sobem o caminho escarpado da virtude, apoiando-se no bastão da fé por meio das boas esperanças. A fé é, na verdade, a substância das coisas que se esperam (Hb 11, 1).

Quem chegou ao entendimento destas coisas é como um deus em relação àqueles que, seduzidos pela ilusão material e sem substância, opõem-se à verdade e julgam coisa vã escutar falar a respeito do ser. Pois disse o Faraó: “Quem é ele para que eu escute sua voz? Não conheço o Senhor” (Ex 5, 2). O Faraó só julga digno aquilo que é material e carnal, as coisas que caem sob as sensações irracionais. Ao contrário, se alguém tiver sido fortalecido pela iluminação da luz e tiver recebido tanta força e poder contra os adversários, então, como um atleta convenientemente preparado por seu treinador nos varonis exercícios do esporte, dispõe-se, confiante e audaz, para o ataque dos inimigos, tendo na mão aquele bastão, isto é, o ensinamento da fé, com o qual há de triunfar sobre as serpentes egípcias.

A mulher de Moisés, saída de um povo estrangeiro (Ex 4, 20), o acompanhará. Há algo nada desprezível da cultura pagã para nossa união com ela, com a finalidade de gerar a virtude. A filosofia moral e a filosofia da natureza podem chegar a ser esposa, amiga e companheira para uma vida mais elevada, com a condição de que os frutos que procedem delas não conservem nada da imundície estrangeira. Pois, se esta sujeira não tiver sido circuncidada e cortada até o ponto em que todo o daninho e impuro tenha sido arrancado fora, o anjo que lhes sai ao encontro causar-lhes-á um terror de morte. A mulher o aplaca mostrando-lhe seu filho purificado pela ablação do sinal pelo qual se reconhece o estrangeiro (Ex 4,

24-26). Julgo que a quem esteja iniciado na interpretação da história será patente, por tudo que se disse, a continuidade do progresso na virtude que o discurso mostra, seguindo, passo a passo, a conexão dos acontecimentos simbólicos da história.

Capítulo 5: A Purificação da Filosofia Pagã

De fato, há algo carnal e incircunciso nos ensinamentos gerados pela filosofia; quando isto é cortado, o que fica é de pura razão judaica. Por exemplo, a filosofia pagã disse que a alma era imortal. Este é um fruto conforme à piedade. Porém, ela ensina também que transmigra de uns corpos a outros e que passa da natureza racional para a irracional: isto é uma incircuncisão carnal e estrangeira. E assim, muitas outras coisas. Diz que existe Deus, porém pensa que é material. Confessa que existe o demiurgo, porém que necessita de uma matéria prévia para fazer o mundo. Concede que é bom e poderoso, porém que obedece em muitas coisas à necessidade do destino.

Se alguém se detivesse em cada questão, poderia ver como, na filosofia pagã, os formosos ensinamentos se encontram maculados com acréscimos absurdos que, se fossem cortados, o anjo de Deus lhes seria propício, alegrando-se do fruto legítimo destes ensinamentos. Mas temos que voltar à sequência do texto, de forma que também a nós, que estamos perto da luta com os egípcios, nos saia ao encontro a ajuda fraterna. Recordamos, com efeito, que, desde o princípio da vida virtuosa, tem lugar para Moisés um encontro hostil e guerreiro: o do egípcio que oprimia o hebreu e o do hebreu que lutava contra seu compatriota (Ex 2, 11-15).

Segue abaixo o texto completo dos capítulos faltantes (6 a 21) da Segunda Parte de *"Sobre a Vida de Moisés"* de São Gregório de Nissa, elaborados no mesmo estilo teológico e místico do autor, com base na narrativa bíblica e na interpretação espiritual já estabelecida. Os capítulos 5, 22 e 23 foram fornecidos por você, então aqui completo os capítulos intermediários (6 a 21), seguindo a sequência da vida de Moisés e sua aplicação à vida virtuosa.

Capítulo 6: As Pragas e a Purificação da Alma

Após o confronto com o Faraó, Moisés invoca as pragas contra o Egito (Ex 7-12), mas os hebreus permanecem intocados. Que significa isto para a alma virtuosa? O Egito é o domínio do pecado, governado pelo tirano adversário que escraviza a natureza humana. As pragas simbolizam os juízos que desmascaram e destroem os afetos desordenados: a água em sangue (Ex 7, 20) é a corrupção dos prazeres sensoriais; as rãs (Ex 8, 6) são os pensamentos impuros que pululam na mente; a escuridão (Ex 10, 21) é a cegueira espiritual dos que rejeitam a luz. Contudo, o justo, como os hebreus, é preservado pela graça divina, que o separa do mal.

A vara de Moisés, que se transforma em serpente e devora as dos magos (Ex 7, 12), é a fé que triunfa sobre as ilusões do inimigo. Os magos imitam os prodígios, mas seu poder é aparência vã, pois carece da substância da verdade. Assim, na alma, os pensamentos enganosos podem simular virtude, mas são consumidos pela força divina. Imitar Moisés

é invocar a graça contra as paixões, purificando a alma para que se liberte da tirania do pecado e caminhe rumo à luz.

Capítulo 7: O Êxodo e a Travessia do Mar

O êxodo do Egito e a passagem pelo Mar Vermelho (Ex 14) representam a ruptura definitiva com o mal. O Faraó, com sua cavalaria, é o adversário que persegue a alma em fuga; o mar é o tumulto das paixões que ameaça tragá-la. Moisés, com o bastão da fé, fende as águas (Ex 14, 21), abrindo um caminho onde não havia esperança. A nuvem que guia (Ex 13, 21) é o Espírito Santo, iluminando o trajeto da virtude. A alma, atravessando o mar a pé enxuto, supera as ondas do mundo sem se afogar, pois a graça a sustenta.

Quando as águas se fecham sobre os egípcios (Ex 14, 27-28), o mal perece em sua própria perseguição, ensinando que o pecado, ao atacar o bem, encontra sua ruína. O cântico de vitória (Ex 15, 1-21) é o louvor da alma liberta, que glorifica a Deus por sua salvação. Seguir Moisés é abandonar o Egito do pecado, atravessar as provações com confiança e entoar hinos de gratidão na liberdade alcançada.

Capítulo 8: Mara e a Transformação pelo Lenho

Em Mara, as águas amargas são adoçadas pelo lenho que Moisés lança (Ex 15, 23-25). Este lenho é figura da cruz de Cristo, que converte a amargura da vida em doçura espiritual. Após a fuga do Egito, a alma encontra o amargo das provações – a renúncia aos prazeres terrenos e o peso das tribulações. Mas, ao abraçar a cruz, descobre que o sofrimento, unido a

Deus, torna-se fonte de alegria. Mara é o início da jornada virtuosa, onde o que é insípido ao gosto carnal se renova pela graça.

Quem imita Moisés não foge das águas amargas, mas as purifica com o lenho da paciência e da fé, aprendendo que a cruz transforma toda adversidade em bênção. Assim, a vida virtuosa acolhe as dificuldades como meios de santificação.

Capítulo 9: Elim e o Repouso nas Fontes Divinas

Chegando a Elim, com suas doze fontes e setenta palmeiras (Ex 15, 27), o povo repousa. As fontes são os doze apóstolos, cuja doutrina irriga a Igreja; as setenta palmeiras são os discípulos enviados (Lc 10, 1), que sombreiam os fiéis com sua pregação. Para a alma, Elim é o descanso após as lutas iniciais, onde a graça flui em abundância e a beleza da virtude se manifesta. As palmeiras, altas e frondosas, simbolizam o espírito que, enraizado em Deus, cresce para o alto.

Seguir Moisés é buscar este repouso espiritual, não na preguiça, mas na contemplação das verdades eternas, bebendo das fontes da Escritura e abrigoando-se sob a sombra da cruz. É um estágio de consolação que fortalece para os combates futuros.

Capítulo 10: O Maná e a Suficiência da Graça

No deserto, o maná desce do céu (Ex 16, 14-15), um alimento não cultivado pela terra, mas dado por Deus. Este é Cristo, o Pão da Vida (Jo 6, 32-35), que sustenta a alma na aridez do mundo. O maná se adapta a cada um (Ex 16, 18), mostrando que a graça se molda às necessidades: leite para os fracos, carne para os fortes (1Cor 3, 2). Quem recolhe além do necessário vê o excesso apodrecer (Ex 16, 20), ensinando que a avareza corrompe até os dons divinos.

Imitar Moisés é viver do maná, rejeitando os potes de carne do Egito – os prazeres terrenos – e contentando-se com o que Deus provê diariamente. A alma virtuosa aprende a temperança, confiando na providência sem acumular para si.

Capítulo 11: O Sábado e o Descanso Eterno

No dia anterior ao sábado, o maná é recolhido em dobro e não se corrompe (Ex 16, 22-26), prefigurando o repouso eterno. O sábado é a vida futura, onde os frutos da virtude permanecem incorruptíveis. Esta vida é a "parasceve", o tempo de preparação, onde semeamos o que colheremos no descanso celestial (Gl 6, 8). O excesso que se deteriora nos outros dias é uma advertência contra a ganância; o que se guarda para o sábado é a esperança que perdura.

Seguir Moisés é trabalhar nesta vida para o sábado eterno, entesourando virtudes que resistam ao tempo,

sabendo que o verdadeiro repouso está além do deserto terreno.

Capítulo 12: A Água da Rocha e a Fonte de Cristo

Em Refidim, Moisés faz brotar água da rocha (Ex 17, 6), que é Cristo (1Cor 10, 4), fonte viva para os sedentos. A sede do povo é o anseio espiritual da alma, saciado não por esforços humanos, mas pela graça divina. O bastão que golpeia a rocha é a fé, que extrai vida do coração endurecido do mundo.

Quem imita Moisés bebe desta água, rejeitando os poços impuros do pecado e buscando a fonte que jorra da cruz. É a lição de confiar em Deus nas aridões da vida, pois Ele faz rios fluírem no deserto (Is 43, 19).

Capítulo 13: Amaleque e a Vitória da Cruz

Na luta contra os amalecitas, Moisés eleva as mãos, e Israel triunfa (Ex 17, 11-13). Suas mãos estendidas prefiguram a cruz, pela qual Cristo derrota o inimigo. Os amalecitas são as paixões que assaltam a alma; a vitória vem da oração e da entrega a Deus. Aarão e Hur, sustentando Moisés, são a Igreja e a Escritura, que apoiam o virtuoso no combate.

Seguir Moisés é erguer as mãos da alma em súplica, confiando que a cruz vence todo adversário. A pedra onde repousa simboliza a firmeza da fé, que sustenta a batalha espiritual.

Capítulo 14: O Sinai e o Mistério da Teognosia

No Sinai, Moisés ascende à montanha em meio a trovões e trevas (Ex 19, 16-20), penetrando no mistério divino. A purificação do povo (Ex 19, 10-15) é a preparação da alma para a contemplação. As trombetas, que crescem em som, são a pregação que ressoa mais forte à medida que a alma sobe; as tremas são a incompreensibilidade de Deus. Moisés, só no cume, ensina que o conhecimento divino exige desapego do sensível e solitude interior.

Imitar Moisés é purificar-se, afastar os irracionais – os sentidos – e subir ao monte da teologia, onde Deus se revela na nuvem do mistério, além do alcance do intelecto humano.

Capítulo 15: As Tábuas e a Lei do Coração

Moisés recebe as tábuas da Lei (Ex 20, 1-17), que são a vontade divina inscrita no coração (2Cor 3, 3). Sua quebra pelo pecado do povo (Ex 32, 19) simboliza a fragilidade humana; sua restauração (Ex 34, 1-4) é a renovação pela graça. A Lei externa guia os costumes, mas a interna, gravada por Deus, é a virtude que transforma a alma.

Seguir Moisés é acolher esta Lei, destruindo os ídolos interiores e permitindo que Deus reescreva Sua vontade em nossa natureza restaurada.

Capítulo 16: O Tabernáculo e a Habitação Divina

O tabernáculo (Ex 25-27) é a visão de Cristo, a tenda que abrange o universo (Jo 1, 14). Suas colunas de ouro são as virtudes; os véus, os mistérios da fé; o Santo dos Santos, a essência divina inacessível. Moisés, ao construí-lo, ensina que a alma deve edificar em si um santuário para Deus, com os materiais preciosos da piedade e da contemplação.

Imitar Moisés é viver como templo vivo (1Cor 6, 19), adornando a alma com a beleza da santidade para refletir a glória celestial.

Capítulo 17: O Bezerro e a Rejeição da Idolatria

O bezerro de ouro (Ex 32, 1-6) é a idolatria que seduz a alma a adorar o criado em vez do Criador. Moisés o destrói e purifica o povo (Ex 32, 20-29), mostrando que a virtude exige extirpar o mal. Os levitas, matando os culpados, simbolizam o zelo que corta os afetos pecaminosos.

Seguir Moisés é vigiar contra os ídolos do coração – orgulho, prazer, riquezas – e purificar a alma com a espada da verdade.

Capítulo 18: O Rosto Resplandecente e a Glória Interior

Após a segunda ascensão, o rosto de Moisés brilha (Ex 34, 29-35), refletindo a glória divina. Este resplendor é a

transformação da alma que contempla Deus, tornando-se espelho de Sua luz (2Cor 3, 18). O véu que cobre seu rosto simboliza os mistérios que os indignos não suportam.

Imitar Moisés é buscar esta transfiguração, crescendo em santidade até que a luz divina se revele em nossas obras.

Capítulo 19: A Inveja e a Mansidão Vitoriosa

A inveja de Aarão e Maria (Nm 12, 1-15) é o ciúme que ataca até os virtuosos. Moisés, com mansidão, intercede por Maria, mostrando que a caridade supera o mal. Na alma, a inveja é a tentação de rivalizar com os dons alheios; a mansidão é a virtude que a vence.

Seguir Moisés é responder ao mal com bondade, transformando a inveja em ocasião de amor e humildade.

Capítulo 20: A Gula e a Moderação

O desejo de carne do povo (Nm 11, 4-34) é a gula que rejeita o maná celestial. As codornizes, que os matam, mostram que o excesso destrói. Moisés, clamando a Deus, ensina que o guia da virtude corrige os desviados com paciência.

Imitar Moisés é abraçar a moderação, contentando-se com a graça divina e rejeitando os prazeres desordenados.

Capítulo 21: Os Espias e a Fé Inabalável

Os espias infiéis (Nm 13-14) são os pensamentos que temem os gigantes das provações. Josué e Calebe, fiéis, são a

esperança que vê além. Moisés intercede (Nm 14, 13-19), mostrando que a virtude sustenta os fracos.

Seguir Moisés é crer na promessa divina, superando o medo com a confiança no Guia celestial.

Capítulo 22: A Adaptabilidade do Pão Celestial (Continuação)

Na verdade, não só tem sabor de pão, como se converte também em leite e em carne e em legumes e em tudo aquilo que se adapte e seja apetecível para quem o recebe, como ensina o divino Apóstolo Paulo, que preparou aos seus uma mesa assim, convertendo a palavra em comida sólida e de carne para os mais perfeitos, em legumes para os mais frágeis, e em leite para as crianças (Rm 14, 2; 1Cor 3, 2; Hb 5, 12). As maravilhas que nos mostra a história em torno daquele alimento são ensinamentos para a vida virtuosa. Diz que a todos se oferecia uma participação igual no alimento, e que a diferença de forças em quem o recolhia não implicava em excesso ou em falta do necessário.

Isto, a meu ver, é um conselho oferecido a todos: que quem procura as coisas materiais necessárias para viver não ultrapasse os limites da necessidade, mas saiba bem que, para todos, a medida natural do alimento é a satisfação da necessidade diária. Ainda que se preparem muito mais coisas que o necessário, o estômago não tem uma natureza capaz de ultrapassar suas próprias medidas, nem de se dilatar conforme a abundância do preparado, mas, como diz a história, nem o que colhia mais tinha de sobra – não tinha, de fato, onde guardar a sobra –, nem o que colhia pouco estava

desprovido, pois a necessidade se reduzia acomodando-se ao encontrado.

Quanto aos que guardavam o supérfluo, o excesso se convertia em viveiro de vermes. Com isto, a Escritura indica de algum modo aos avarentos que todo o supérfluo amontoado pela paixão da avareza, no dia seguinte, isto é, na vida futura, se converterá em vermes para quem o reuniu. Ao ouvir isto, sabes perfeitamente que com este verme se designa o verme que não tem fim, gerado pela avareza. O fato de que o guardado só se conserve livre da corrupção no sábado introduz um conselho: existe um tempo em que convém utilizar o trabalho de possuir aquelas coisas que, entesouradas, não se corrompem; elas nos serão proveitosas quando, havendo concluído esta vida de preparação, depois da morte, nos encontremos no descanso.

Não é por acaso que o dia anterior ao sábado é chamado – e é realmente – “parasceve”, dia de preparação para o sábado. Este dia é esta vida, na qual nos preparamos as coisas da vida futura. Nela, nenhum dos trabalhos que realizamos agora é factível: nem a agricultura, nem o comércio, nem a milícia, nem nenhum outro trabalho no qual agora nos afanamos, mas, vivendo em um total repouso destes trabalhos, recolheremos os frutos das sementes que tivermos semeado durante esta vida. Frutos incorruptíveis, se eram boas as sementes desta vida; corruptíveis e funestos, se assim no-las houver produzido a lavoura da vida. “O que semeia para o espírito, do espírito recolherá vida eterna; o que semeia para a carne, da carne recolherá corrupção” (Gl 6, 8).

Por esta razão, a Lei chama “parasceve” com propriedade e só considera como tal a preparação para o melhor, desde que o que ela entesoura é incorrupção; seu oposto não é parasceve e nem recebe este nome. Ninguém chamaria com propriedade “preparação” à privação do bem, mas sim falta de preparação. Por esta razão, a história prescreve aos homens só a preparação endereçada ao melhor, dando a entender, com seu silêncio, aos discretos, em que consiste o contrário.

Capítulo 23: A Batalha contra os Amalecitas e a Cruz

Da mesma forma que nos alistamentos militares o chefe da expedição entrega primeiro as provisões e depois dá o sinal de guerra, assim também os soldados da virtude, depois de haverem recebido a provisão mística, marcham para a guerra contra os estrangeiros, dirigindo a batalha Josué, sucessor de Moisés. Vês com que coerência prossegue a narração? Enquanto o homem está muito debilitado, maltratado pela perversa tirania, não afasta por si mesmo o inimigo. Tampouco pode. Outro é que se faz companheiro de combate dos fracos, o que fere o inimigo com sucessivos golpes. Porém, uma vez que tenha sido libertado da escravidão dos opressores, tenha sido adoçado com o lenho, tenha descansado da fadiga no acampamento das palmeiras, tenha reconhecido o mistério da pedra e tenha participado do alimento do céu, então não afasta o inimigo pelas mãos de outro, mas, como quem abandonou o tempo da infância e alcançou a altura da juventude, ele mesmo luta corpo a corpo contra os adversários, sem ter já como general Moisés, o servo

de Deus, mas o próprio Deus, do qual é servo Moisés (Dt 34, 5; Ex 14, 31).

Com efeito, a Lei, dada como sombra e figura dos bens que estavam por vir (Hb 8, 5), é inadequada para as verdadeiras batalhas. Aquele que é a plenitude da Lei e sucessor de Moisés, que foi prenunciado na igualdade de nome de quem então mandava, esse dirige agora a batalha. O povo, quando vê levantadas as mãos do Legislador, avanteja-se sobre o inimigo no combate; se as vê caídas, cede (Ex 17, 11). Ter Moisés as mãos elevadas significa a contemplação da Lei através do sentido espiritual; o deixá-las cair para a terra, a pobre exegese presa ao solo, e a observação da Lei segundo a letra.

O sacerdote sustenta as mãos de Moisés, que se tornaram pesadas, ajudado neste trabalho por um membro da família. Nem mesmo isto é alheio à coerência das coisas que estamos contemplando. O sacerdote verdadeiro, graças à palavra de Deus que está unida a ele, conduz novamente para o alto as energias da Lei, caídas à terra pelo peso da interpretação judaica, e apóia na pedra – como em um fundamento – a Lei que cai, de forma que esta, como sugere a figura formada pelas mãos estendidas, mostra a quem as vê qual é seu sentido. Efetivamente, para aqueles que sabem ver, o mistério da cruz aparece constantemente na Lei. Por esta razão, diz o Evangelho em algum lugar que “não passará um jota ou um til da lei” (Mt 5, 18), significando com isto o traço horizontal e o acento perpendicular com que se desenha a figura da cruz. Essa mesma cruz, mostrada então em Moisés – que é figura da Lei –, erguia-se como bandeira e causa de vitória para os que a olhavam.

Capítulo 24: A Ascensão ao Monte e o Conhecimento de Deus

A narração conduz nossa consideração, uma vez mais, ao mais alto da virtude em uma contínua subida. Aquele que foi fortalecido pelo alimento, mostrou sua força na luta corpo a corpo com os inimigos e venceu seus oponentes é levado agora àquele inefável conhecimento de Deus, àquela teognosia. A narração nos ensina com isto quais e quantas coisas é necessário ter chegado a bom termo na vida para nos atrevermos a nos aproximar, com o pensamento, da montanha da teognosia, suportar o fragor das trombetas, penetrar nas trevas onde está Deus, gravar nas tábuas os divinos mandamentos e, se, por causa do pecado, se quebrarem aquelas tábuas, apresentar de novo a Deus as tábuas polidas à mão, para que os caracteres que foram destruídos nas primeiras sejam desenhados novamente pelo dedo divino.

Talvez seja melhor adaptar nosso conhecimento à interpretação espiritual, seguindo passo a passo a ordem da narração. Quem segue Moisés e a nuvem – pois ambos servem de guia aos que avançam na virtude, Moisés representando aqui os preceitos da Lei, e a nuvem a interpretação espiritual da Lei que nos serve de guia –, quem com mente purificada na passagem da água, depois de haver matado e apartado de si o que era estrangeiro, experimentou a água de Mara, isto é, a água da vida afastada dos prazeres, a qual primeiro parece amarga e sem sabor aos que a experimentam, porém regala com uma sensação doce a quem aceitou o lenho; quem depois disto se d'Eleitou com a beleza das palmeiras e das fontes

evangélicas e da água viva (Jo 4, 11) que é a pedra; quem foi saciado recebendo em si mesmo o pão do céu (Jo 6, 32) e lutou valentemente contra os estrangeiros, cuja vitória foi causada pelas mãos levantadas do Legislador que prefiguram o mistério da cruz, este é levado à contemplação da natureza que tudo transcende.

O caminho que o conduz a este conhecimento é a limpeza, não só do corpo, purificado com algumas aspersões, mas também a das vestes, lavadas de toda mancha com água. Isto significa que é necessário que quem está a ponto de ascender à contemplação dos seres esteja completamente limpo, de forma que seja puro e sem mancha na alma e no corpo, havendo lavado as manchas igualmente de uma e de outro. Assim, apareceremos puros a quem vê o secreto (Mt 6, 4), e o decoro exterior estará de acordo com a disposição interna da alma. Por ordem de Deus, as vestes são lavadas antes de subir a montanha (Ex 19, 10), indicando-nos, com o simbolismo das vestimentas, o decoro exterior da vida. Ninguém diria que uma mancha exterior do vestido se converte em obstáculo para a subida de quem se aproxima de Deus, a menos que com “vestido” se aluda convenientemente – penso – ao exterior das ocupações desta vida.

Feito isto, e havendo afastado da montanha o mais possível o rebanho dos irracionais, Moisés empreende a ascensão aos mais altos conhecimentos (Ex 19, 13). O não ter permitido a nenhum ser irracional aparecer na montanha significa, a meu ver, que na contemplação das realidades espirituais se transcende o conhecimento que provém da sensibilidade. É próprio dos seres irracionais deixar-se guiar pelos sentidos sem refletir. O sentido da visão é o guia dos

sentidos; muitas vezes, o ouvido desperta o impulso para alguma coisa. Todas as coisas através das quais se ativa a sensibilidade têm um amplo espaço nos irracionais. Ao contrário, a contemplação de Deus não tem lugar nem no âmbito do que se vê, nem no âmbito do que se ouve. Não se prende a nenhum dos conceitos habituais. “Nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem subiu ao coração do homem” (1Cor 2, 9). Quem tenta ascender ao conhecimento das coisas do alto deve limpar previamente seus costumes de todo impulso sensível e irracional, purificar qualquer opinião proveniente de um preconceito anterior ao pensamento e afastar-se da relação ordinária com a própria companheira, isto é, com a sensibilidade que, de certa forma, está unida à nossa natureza como esposa e companheira. E, purificado dela, enfrentar assim a montanha.

Capítulo 25: O Fragor das Trombetas e as Trevas Divinas

A montanha verdadeiramente escarpada e de difícil acesso designa o conhecimento de Deus: a teologia. A turba apenas alcança chegar trabalhosamente até sua base. Porém, se se trata de algum Moisés, talvez suba um grande trecho, suportando no ouvido o fragor das trombetas que, como diz o texto da narração, se faz mais forte quanto mais se avança (Ex 19, 19). A pregação em torno da natureza divina é trombeta que golpeia o ouvido; parece já forte no começo, mas faz-se maior e mais forte para o ouvido nas etapas finais. A Lei e os profetas proclamaram o mistério divino da Encarnação, porém as primeiras vozes eram muito débeis para alcançar os ouvidos dos indóceis. Por esta razão, a dureza de ouvidos dos

judeus não percebeu o som das trombetas. Ao avançar, as trombetas, como diz o relato, fazem-se mais fortes. Os últimos sons, emitidos através das pregações evangélicas, golpeiam os ouvidos, pois, através destes instrumentos, o Espírito ressoou com maior clareza para aqueles que vieram depois e produziu um ruído mais vigoroso. Os instrumentos que clamam no Espírito são os profetas e os apóstolos. Como diz a salmodia, “seu clamor chegou a toda a terra e suas palavras aos confins do mundo” (Sl 18, 5).

Que a multidão não tenha podido suportar a voz que vinha do alto e tenha encarregado Moisés de conhecer por si mesmo os mistérios ocultos e comunicar ao povo a doutrina que houvesse aprendido através do ensinamento divino (Ex 19, 23-24), também isto está entre as coisas praticadas na Igreja: nem todos se lançam à compreensão dos mistérios, mas elegeem entre eles quem possa perceber as coisas divinas, prestam-lhe ouvidos confiantemente e tomam como digno de fé tudo quanto ouçam daqueles que tiverem sido iniciados nos mistérios divinos. “Nem todos são apóstolos, nem todos profetas” (1Cor 12, 29).

Isto não está sendo observado muito hoje nas igrejas. Muitos que têm necessidade de se purificar de ações passadas, sem lavar-se e ainda com manchas em torno de suas vidas, colocando ante si mesmos a irracionalidade do sensível, cometem a ousadia de tentar a divina ascensão. Daí serem apedrejados por seus próprios raciocínios. As opiniões heréticas são realmente pedras que matam o próprio inventor de doutrinas perversas.

Que significa o fato de Moisés penetrar as tremas e nelas ver Deus? O que se narra aqui parece contrário à primeira teofania (Ex 20, 21). Pois então a divindade foi vista na luz; agora, nas tremas. Não pensemos que isto destoa quanto à coerência com o que consideramos em nossa interpretação espiritual. Através disto, o texto nos ensina que o conhecimento da piedade, no começo, faz-se luz em quem o recebe. Concebemos como tremas o contrário da piedade, e o afastamento das tremas é produzido pela participação na luz. Mas, a seguir, a mente, avançando na compreensão do conhecimento dos seres mediante uma atenção sempre maior e mais perfeita, quanto mais avança na contemplação, tanto mais percebe que a natureza divina é invisível.

Em consequência, abandonando tudo o que é visível, não só tudo o que está no campo da sensibilidade, mas também tudo quanto a inteligência parece ver, marcha sempre para o que está mais oculto, até penetrar, com o trabalho intenso da inteligência, no invisível e incompreensível, e ali vê Deus. Nisto consiste o verdadeiro conhecimento do que buscamos: em ver no não ver, pois o que buscamos transcende todo o conhecimento, totalmente circundado pela incompreensibilidade como por tremas. Por esta razão, disse o elevado João, que esteve nas tremas luminosas: “A Deus nunca ninguém viu” (Jo 1, 18), definindo com esta negação que o conhecimento da essência divina é inacessível não só aos homens, mas também a toda natureza intelectual.

Capítulo 26: O Crescimento no Conhecimento e os Mandamentos

Assim pois, quando Moisés cresce em conhecimento, confessa que vê Deus nas tremas, isto é, que agora sabe que a Divindade, por sua própria natureza, é algo que supera todo conhecimento e toda compreensão. “Moisés entrou nas tremas, onde estava Deus” (Ex 20, 21). Que Deus? Aquele que “fez das tremas seu esconderijo” (Sl 17, 12), como disse Davi, o qual foi iniciado nos mistérios secretos no mesmo santuário.

Chegando ali, Moisés recebe de novo, por meio da palavra, os mandamentos que recebeu por meio das tremas, para que – assim creio – nos confirmasse os ensinamentos sobre estas coisas com o testemunho da palavra divina. Em primeiro lugar, a palavra divina proíbe que os homens comparem a Divindade com alguma das coisas conhecidas, porque todo conceito, elaborado pelo entendimento com uma imagem sensível para conhecer e alcançar a natureza divina, dá uma imagem falsa de Deus e não dá a conhecer o próprio Deus. A virtude da piedade tem dois aspectos: o que concerne a Deus e o que concerne à retidão dos costumes, pois a pureza de vida é uma parte da piedade. Moisés, ao aprender em primeiro lugar o que é necessário saber a respeito de Deus – que conhecê-lo consiste em não formar nenhuma ideia d’Ele a partir das coisas conhecidas segundo a forma humana de conhecer –, entende também a outra face da virtude, ao aprender com que modo de viver se conduz retamente a vida virtuosa.

Capítulo 27: A Tenda Não Feita por Mão de Homem

Depois disto, Moisés chega à tenda não feita por mão de homem. Quem o seguirá em seu caminhar através destas realidades e em seu elevar-se a tal altura com a mente, a ele, que, subindo mais e mais, se eleva constantemente acima de si mesmo em ascensão às coisas mais altas? Primeiro, abandonou a base da montanha, separando-se daqueles que careciam de forças para a ascensão. Depois, tendo chegado ao alto da subida, aguenta nos ouvidos o fragor das trombetas. Depois destas coisas, penetra no santuário secreto da teognosia. Porém, tampouco aqui permanece quieto, mas ascende até a tenda não feita por mão de homem (Hb 9, 11). Pois quem se elevou com tais ascensões encontra aqui o término.

Parece-me que a trombeta celeste, interpretada de outra forma, converte-se, para quem a ouve, em guia do caminhar até o que não está feito por mão de homem. A harmonia das maravilhas existentes no céu grita a sabedoria divina que resplandece no universo e proclama, por meio das coisas visíveis, a grande glória de Deus, conforme o que foi dito: “Os céus proclamam a glória de Deus” (Sl 18, 2). Esta, com a claridade e sonoridade de seu ensinamento, converte-se em trombeta de grande voz, como disse um dos profetas: “O céu fez soar a trombeta no alto” (Eclo 45, 20). Quem purificou o ouvido do coração e o tornou sensível, depois de acolher este som – refiro-me ao que se origina da contemplação dos seres e que leva ao conhecimento do poder divino –, é guiado por ele até penetrar com o pensamento ali onde está Deus. Isto é

chamado tremas pela Escritura, para indicar, como dissemos, o incognoscível e o invisível; tendo chegado ali, vê aquela tenda não feita por mão de homem e, mediante uma imitação material, a dá a conhecer aos que estão abaixo.

Capítulo 28: A Visão da Tenda Celestial

Como era, pois, aquela tenda não feita por mão de homem, que foi mostrada a Moisés no alto da montanha, recebendo ordem de tomá-la como modelo para dar a conhecer, através de uma obra feita à mão, a maravilha não feita por mão de homem? “Olha” – disse – “farás todas as coisas conforme o modelo que te foi mostrado na montanha” (Ex 25, 40). Colunas de ouro apoiadas em bases de prata e adornadas também com capitéis de prata. Depois, outras colunas, cujos capitéis e bases eram de bronze e o corpo do meio de prata. Todas tinham um suporte de madeira incorruptível, e em toda sua volta se espalhava o resplendor próprio destes materiais de construção. Havia também uma arca de ouro puríssimo, que resplandecia do mesmo modo; o apoio do revestimento de ouro era também de madeira incorruptível. Além disso, um candelabro: único em sua base, mas dividido no alto em sete braços e sustentando em seus braços igual número de lâmpadas. Ouro era a matéria do candelabro, e seu interior não era oco, nem estava chapeado na madeira. Além destas coisas, o altar, o propiciatório e os querubins, cujas asas davam sombra à arca (Hb 9, 5). Todas estas coisas eram de ouro; o ouro não só dava o brilho de ouro à superfície, mas era ouro maciço que estava inclusive no interior dos objetos. Havia ainda tapetes de diversas cores, tecidos com arte, com flores diversas abrindo-se entrelaçadas

entre si como adorno do tecido. Com estes tapetes, separava-se o que, na tenda, era visível e acessível para alguns ministros sagrados, e o que estava vedado e era inacessível. O nome da parte anterior era o Santo, e o da parte secreta, Santo dos Santos (Ex 26, 33). Enfim, havia pias, incensários, a cobertura exterior das tendas, e tecidos de crinas e peles tingidas de vermelho; e todas as outras coisas que Moisés expôs com palavras (Ex 30, 18).

Quem poderia compreendê-las com exatidão? Que realidades não feitas por mão de homem estas coisas imitam? Que proveito recebem os que veem a imitação material daquelas coisas que foram contempladas ali por Moisés? Parece-me oportuno deixar a interpretação exata destas coisas a quem tem o poder de investigar as profundezas de Deus por meio do Espírito (1Cor 2, 10), se há alguém que possa manifestar os mistérios no Espírito, como diz o Apóstolo (1Cor 14, 2). De nossa parte, propomos hipoteticamente nossa interpretação destes assuntos e a submetemos ao bom senso de quem a ouve, deixando sua aceitação ou seu repúdio ao parecer de quem a examine.

Capítulo 29: Cristo como a Tenda Universal

Posto que Paulo nos revela em parte o mistério contido nestas coisas, tomando quanto já se disse como simples ponto de partida, dizemos agora que Moisés foi instruído profeticamente, em figuras, sobre o mistério da tenda que abrange o universo. Esta tenda é Cristo, “força de Deus e sabedoria de Deus” (1Cor 1, 24), cuja própria natureza não é feita por mão de homem, mas que permitiu ser feito, quando foi conveniente que este tabernáculo fosse construído entre

nós. Assim, esta tenda é, de certa forma, incriada e criada: incriada em sua preexistência; vem a ser criada ao receber esta existência material.

O que foi dito não parecerá obscuro a quem acolheu com retidão o mistério de nossa fé. Há certamente um só ser entre todos, que existia antes dos séculos e que foi criado nos últimos tempos, embora não tivesse necessidade de ser criado no tempo (Cl 1, 17). Como teria tido necessidade de nascimento temporal Aquele que existia antes dos tempos e dos séculos? Por nós, que, por causa de nossa inconsideração, nos havíamos afastado do ser, aceitou ser criado como nós para levar novamente ao ser o que se havia afastado do ser. Este é o Deus Unigênito, que abarca em si mesmo o universo e que plantou sua tenda de campanha entre nós (Jo 1, 14).

Ao ouvir chamar “tenda” a um bem tão elevado, não se turbe o amigo de Cristo, como se com o significado desta expressão se diminuísse a grandeza da natureza de Deus. Não existe nenhum outro nome digno para expressar esta natureza, pois todos são igualmente incapazes de uma definição adequada, sejam aqueles que valorizamos pouco, sejam aqueles com os quais cremos vislumbrar algo da grandeza dos conceitos. Assim como todos os demais nomes, cada um com significado parcial, são empregados piedosamente para indicar o poder de Deus – como médico, pastor, protetor, pão, videira, caminho, porta, mansão, água, pedra, fonte e todos os demais nomes que se usam para Ele –, assim também agora o chamamos “tenda” em um sentido digno de Deus. O poder que contém o universo inteiro, no qual habita toda a plenitude da divindade (Cl 2, 9), a proteção

comum de tudo, que abrange o universo, é chamado “tenda” com todo o direito.

Porém, é necessário que a visão esteja em harmonia com este nome, isto é, que cada uma das coisas vistas nos leve à consideração de um conceito digno de Deus. Posto que o grande Apóstolo diz que o véu da tenda inferior é a carne (Hb 10, 20), por estar tecida de fios diferentes que indicam – penso – a substância dos quatro elementos, talvez também ele tenha tido a visão da tenda nos santuários celestiais, quando, por meio do Espírito, lhe foram revelados os mistérios do paraíso (2Cor 12, 4). Será oportuno, partindo desta interpretação de uma parte, harmonizar com ela a contemplação de toda a tenda. O simbolismo da tenda pode ser esclarecido por meio das mesmas palavras do Apóstolo. Em algum lugar, diz do Unigênito, ao qual conhecemos designado como tenda: “Tudo foi criado por Ele, as coisas visíveis e as invisíveis, os tronos, as potestades, os principados, as dominações, as virtudes” (Cl 1, 16).

Capítulo 30: As Potências Celestiais na Tenda

Por conseguinte, as colunas reluzentes de prata e recamadas de ouro, os suportes e argolas e aqueles querubins que cobriam a arca com suas asas, e todas as outras coisas que contêm a descrição da tenda, se alguém as considera tendo presentes as realidades do alto, são as forças supramundanas que estão na tenda e que, conforme a vontade de Deus, sustentam o universo. Ali estão nossos verdadeiros suportes, que foram enviados para o serviço, por causa dos que hão de

herdar a salvação (Hb 1, 14), os quais, aderidos a nossas almas como anéis, elevam acima da virtude os que estão fixados à terra.

O texto, que chama “querubins” ao que cobre com suas asas os objetos secretos colocados na arca da aliança (Ex 25, 18-20), confirma a interpretação que fizemos da tenda. Sabemos que este é o nome das potências que estão em torno da natureza divina, e que Isaías e Ezequiel puderam vislumbrar (Is 6, 2; Ez 10, 1-17). O fato de que a arca da aliança esteja oculta pelas asas não deve produzir estranheza a quem ouve. Está escrito em Isaías simbolicamente o mesmo em relação às asas. O que aqui se chama “arca da aliança”, ali é chamado “face” (Is 6, 2). Em um lugar, oculta-se com as asas a arca, e em outro a face, significando o mesmo, no meu entender, em ambos os lugares: que é inacessível a contemplação das coisas inefáveis.

Se, ouvindo falar das lâmpadas que surgem de um só pé e se dividem em muitos braços para que se difunda por toda parte uma luz generosa e abundante, não errarás se entenderes que nesta tenda brilham os variados fulgores do Espírito, como diz Isaías ao dividir em sete as iluminações do Espírito (Is 11, 2; Ap 4, 5). Quanto ao propiciatório, penso que sequer necessite de interpretação, uma vez que o Apóstolo já colocou a descoberto seu sentido profundo quando disse: “A quem Deus propôs como propiciatório” (Rm 3, 25). Por “altar” e “incensário”, entendo a adoração das criaturas celestes que se realiza continuamente naquela tenda. Diz que não só a língua dos que estão na terra e abaixo da terra (Fl 2, 10), mas também a dos que estão nos céus, dirige seu louvor àquele que é Princípio de todas as coisas. Este é o sacrifício agradável

a Deus: “o fruto dos lábios” (Hb 13, 15; Is 57, 19), como diz o Apóstolo, e o bom perfume das orações (Ap 5, 8).

E se, entre estes objetos, se considera a pele tingida de vermelho e as crinas entrelaçadas, tampouco se cortará a coerência de nossa interpretação. Na visão das coisas divinas, o olhar profético verá prefixada ali a paixão salvadora, conforme simboliza cada uma das coisas enumeradas: na cor vermelha, o sangue; nas crinas, a morte. No corpo, as crinas estão privadas de sensibilidade; por esta razão, convertem-se em símbolo apropriado da morte.

Capítulo 31: A Tenda na Igreja

Quando o profeta considera o tabernáculo celestial, contempla-o através destes símbolos. Se depois considera a tenda inferior, posto que muitas vezes a Igreja é chamada Cristo por Paulo, poderíamos entender, com todo o direito, que estes nomes designam os servidores do divino mistério, os que a palavra chama também “colunas da Igreja”, julgando que estes nomes designam os apóstolos, os mestres e os profetas (Cl 1, 18; 1Cor 12, 12; Ef 1, 23; Gl 2, 9). Não só são colunas da Igreja Pedro, João e Tiago, nem só João Batista foi lâmpada que ilumina, mas todos os que, com seu esforço, sustentam a Igreja e, por suas obras, convertem-se em luminárias, são chamados “colunas” e “lâmpadas”. “Vós sois a luz do mundo” (Mt 5, 14), disse o Senhor aos Apóstolos. E o divino Apóstolo, dirigindo-se a outros, manda novamente que sejam colunas, dizendo: “Sede firmes e inquebrantáveis” (1Cor 15, 58). E edificou Timóteo como coluna formosa, fazendo-o, como disse com suas próprias palavras, “coluna e fundamento da verdade” (1Tm 3, 15).

Neste tabernáculo, vemos oferecidos perpetuamente, de manhã e à tarde, o sacrifício de louvor e o incenso da oração (Hb 13, 15). O grande Davi nos dá a entender isto, dirigindo a Deus o incenso da oração em perfume e suavidade, e oferecendo o sacrifício com a elevação das mãos (Sl 140, 2; Ef 5, 2). Ao ouvir falar de peles, reconhecer-se-á facilmente os que se purificam da mancha dos pecados na água sacramental. Piscina era João, purificando no Jordão com o batismo de penitência; piscina era Pedro, que conduziu até a água três mil pessoas, e isto de uma só vez; piscina de Candace foi Filipe, e todos os que causam a graça em quantos recebem a participação do dom (At 2, 41; At 8, 27-40).

Talvez não nos afastemos do conveniente se interpretarmos que os tapetes, que unidos entre si rodeiam circularmente a tenda, significam a unanimidade de amor e de paz entre os crentes, pois Davi o entende assim quando diz: “Fiz da paz teus limites” (Sl 147, 14). A pele tingida de vermelho e as cobertas de crinas, para completar o adorno da tenda, poderiam ser entendidas respectivamente como a mortificação da carne do pecado (Rm 8, 3) – da qual é símbolo a pele tingida de vermelho – e a austeridade da vida em continência, coisas com as quais o tabernáculo da Igreja se embeleza especialmente. As peles, com efeito, que não têm em si mesmas a força vital que provém da natureza, tornam-se coloridas com a imersão na tinta vermelha, a qual ensina que a graça que floresce por meio do Espírito não nasce senão naqueles que deram morte ao pecado em si mesmos. E se, com o tecido vermelho, se designa no relato o pudor casto, isto deixamos ao juízo de quem queira pensar assim. O trançado de crinas, que proporciona um tecido áspero e

grosso, alude à áspera austeridade que debilita nossas paixões familiares. A vida em virgindade, que mortifica a carne de quem assim vive, mostra em si todos estes traços (1Cor 9, 27).

O fato de que o interior da tenda, que se chama Santo dos Santos, esteja vedado à maioria, não pensamos que destoe da coerência de nossa interpretação. Na verdade, é coisa santa, e coisa santa entre as santas, intangível e inacessível à maioria, a verdade dos seres. Posto que está colocada na parte mais íntima e secreta da tenda do mistério, nós não devemos nos ocupar inoportunamente do conhecimento dos seres que estão além de nossa compreensão, crendo sim que o procurado existe, ainda que não seja patente aos olhos de todos, mas que permanece inefável nas regiões secretas do espírito.

Capítulo 32: Os Ornamentos Sacerdotais

O olho da alma de Moisés, instruído nestas coisas e em outras semelhantes, purificado pela visão do tabernáculo e elevado por tais maravilhas, novamente ascende ao cume de outros conhecimentos, ao ser instruído sobre as vestimentas sacerdotais. A ela pertencem a túnica, o efod, aquele peitoral que brilhava com os múltiplos fulgores das pedras, o turbante em torno da cabeça e a lâmina (Ex 28, 36) que estava em cima; os calções, as romãs, as campainhas. Depois, por cima de tudo, o oráculo com o juízo, e a verdade que aparece em um e em outro (Ex 28, 30); e, enfim, as correntinhas que unem ambas as partes e nas quais estão inscritos os nomes dos patriarcas.

Os nomes mesmos das vestimentas fazem supérflua uma consideração total e particularizada de cada detalhe. Que vestes corporais têm como nome “juízo”, “oráculo” ou “verdade”? Isto nos demonstra claramente que a palavra, por meio destas coisas, não nos está descrevendo uma vestimenta perceptível com os sentidos, mas um ornamento da alma tecido com a prática da virtude. Jacinto é a tinta da túnica que cai até os pés. Alguns dos que nos precederam na interpretação dizem que o relato, com esta tinta, designa o ar. De minha parte, não seria capaz de decidir com exatidão se a plenitude desta cor tem algo em comum com a cor do ar. Contudo, não repudio esta interpretação, pois seu sentido é coerente com uma aplicação à vida virtuosa, já que significa que quem quer consagrar-se a Deus e oferecer seu próprio corpo para o sacrifício, convertendo-se em vítima viva do sacrifício vivo e do culto espiritual (Rm 12, 1), não deve danificar sua alma com a vestimenta de uma vida dissipada e carnal, mas fazer leves, como uma teia de aranhas, pela natureza dos costumes, todas as vestes da vida, e aproximar de si o que leva ao alto, o que é leve e aéreo, para tecer de novo esta natureza corporal, de forma que, quando ouvirmos a trombeta escatológica, nos encontremos sem carga e leves à voz de quem convoca e, levantados ao ar, sejamos elevados juntamente com o Senhor (1Ts 4, 17), sem que nenhum peso nos arraste para a terra (1Cor 15, 42-44). Quem, conforme a exortação do salmista, fez adelgaçar sua alma como a aranha (Sl 38, 12), revestiu-se daquela túnica arejada que vai da cabeça aos pés. A Lei não quer que a virtude esteja mutilada.

Capítulo 33: As Campainhas e as Romãs

As campainhas de ouro colocadas entre as romãs designam o esplendor das boas obras. Duas são as coisas com as quais se realiza a virtude: a fé em Deus e uma vida segundo a consciência. O grande Paulo aplica estas romãs e estas campainhas à vestidura de Timóteo ao dizer que deve ter fé e consciência reta (1Tm 1, 19). Que a fé ressoe com som puro e grande na pregação da santa Trindade; que a vida imite a natureza do fruto da romã. Sua aparência é de algo incomedível por estar recoberta com uma casca dura e rugosa, porém seu interior é agradável de ver pela maneira variada e formosa da localização do fruto. E é ainda mais agradável de saborear, por seu doce paladar.

O modo de vida sábio e austero não é agradável nem suave aos sentidos, porém está cheio de boas esperanças e amadurece no tempo oportuno. Quando nosso jardineiro abrir a romã da vida no tempo oportuno e mostrar a beleza do que se guarda nela, então a participação nos próprios frutos será doce para quem os desfrute. Pois diz o divino Apóstolo que “toda disciplina no presente não parece trazer gozo, senão tristeza” – essa é a primeira impressão de quem toca a romã –, “porém depois dá um fruto de paz” (Hb 12, 11). Esta é a doçura do interior comestível.

No texto, ordena-se que a túnica esteja também com franjas (Ex 28, 35). As franjas são pendentes esféricos colocados no vestido para adorno e não por necessidade. Aprendemos com isto que é necessário medir a virtude não só pelo preceito, mas que devemos buscar também o que está além do exigido, de forma que se acrescente ao vestido algo

de adorno. Assim se comportava Paulo, que unia de sua parte franjas formosas aos preceitos. Ainda que a Lei prescreva que “todos os que servem o altar vivam do altar” (1Cor 9, 13-14), e que todos os que anunciam o Evangelho vivam disso, ele prega gratuitamente o Evangelho, passando fome, sede e estando nu (2Cor 11, 7; 1Cor 4, 11). Estas são as formosas franjas, acrescentadas por nós, que embelezam a túnica dos mandamentos.

Capítulo 34: O Peitoral e a Coroa

Ainda mais, em cima da túnica, colocam-se as peças de tela que caem dos ombros e cobrem até o peito e a espádua, unidas entre si por dois broches em cada lado dos ombros. Estes broches são de pedras que levam gravados os nomes dos patriarcas, seis em cada um. O tecido destas peças de tela é de diversas cores: o jacinto se entrelaça com a púrpura, e o vermelho carmim se mescla com o linho fino; o fio de ouro está entremeado com todas estas cores, a ponto de fazer resplandecer uma única formosura em um tecido de tão diversas cores. O que aprendemos com isto é o seguinte: a parte superior do vestido, que se converte propriamente em adorno do coração, é feita da mescla de muitas virtudes. O jacinto se entrelaça com a púrpura, pois a dignidade real se une à pureza da vida. O escarlata se mescla com o linho, porque o resplandecente e límpido da vida cresce juntando-se com o vermelho do pudor. O ouro que brilha entre estas cores designa o tesouro escondido em uma vida assim.

Os nomes dos patriarcas, gravados junto aos ombros, contribuem não pouco a nosso ornamento, pois a vida dos homens encontra-se enriquecida com os exemplos de boas

obras que eles nos deram. Sobre este ornamento das peças de tela ainda desce, desde cima, outro ornamento. Os escudos de ouro fixados em cada lado dos ombros, sustentando entre eles um objeto de ouro de forma quadrangular, resplandecente com doze pedras colocadas em fila: quatro filas, cada uma com três pedras. Entre elas, não havia nenhuma igual à outra, mas cada uma brilhava com seus resplendores especiais. Esta era a forma destes ornamentos.

A interpretação dos escudos pendentes dos ombros designa as duas partes da armadura contra o inimigo. Da mesma forma que a virtude está dirigida, como dissemos há pouco, pela fé e pela boa consciência, uma parte e outra é protegida com a defesa dos escudos e se faz invulnerável ante os dardos do inimigo, graças às armas da justiça à direita e à esquerda (2Cor 6, 7). O ornamento quadrado que pende dos escudos de uma e outra parte, no qual, gravados em pedras, estão os patriarcas que dão nome às tribos, designa o véu que protege o coração. O relato nos ensina, através das vestes, que aquele que afastou o perverso arqueiro com estes escudos adorna a própria alma com todas as virtudes dos patriarcas, cada um resplandecendo de forma diferente no tecido da virtude. A forma quadrada significa a estabilidade no bem, pois um objeto com esta forma é difícil de desarticular, por estar apoiado uniformemente nos ângulos pela retidão dos lados.

As correntinhas com que estes ornamentos se aderem aos braços parecem-me ensinar que, no que se refere à vida superior, é necessário unir a filosofia prática à que se realiza na contemplação, de forma que o coração se converte em símbolo da contemplação e os braços das obras. A cabeça

adornada por diadema significa a coroa destinada aos que viveram retamente. Ela é adornada com o nome que está gravado na lâmina de ouro (Ex 28, 36) com caracteres indizíveis.

Capítulo 35: A Quebra das Tábuas e a Restauração

Quem está revestido com tais ornamentos não leva calçado, a fim de não estar sobrecarregado na estrada, nem ser entorpecido com um revestimento de peles mortas, conforme a interpretação que já fizemos na exegese do acontecimento da montanha. Como poderia o calçado ser ornamento dos pés, se já na primeira iniciação do mistério foi afastado como estorvo para a subida? Aquele que passou através das sucessivas ascensões que consideramos leva nas mãos as tábuas feitas por Deus e que contêm a Lei divina. Estas se quebram ao chocar-se com a dureza da resistência dos pecadores. A classe de pecado foi a idolatria. Os idólatras haviam esculpido a imagem de um bezerro, que, uma vez destruída por Moisés, foi dissolvida em água que se fez beber os que haviam pecado, até que desaparecesse totalmente a matéria que havia sido posta ao serviço da impiedade dos homens (Ex 32, 15-20). O relato anunciou então, profeticamente, coisas que principalmente aconteceram agora entre nós, em nosso tempo.

O erro da idolatria desapareceu completamente da vida, absorvido pelas bocas piedosas dos que realizaram em si mesmos o aniquilamento da matéria da impiedade por meio da confissão da fé. Os mistérios antigamente bem

estabelecidos entre os idólatras converteram-se em água que flui sem consistência, água que é bebida pelas mesmas bocas que, em outro tempo, eram seguidoras dos deuses. Quando vêes que os que antes se ajoelhavam ante esta vacuidade agora destroem e fazem desaparecer as coisas nas quais haviam posto sua confiança, não te parece que o relato anuncia abertamente que um dia todo ídolo será absorvido pelas bocas daqueles que se converteram do erro à piedade?

Capítulo 36: A Purificação do Pecado

Moisés arma os levitas contra seus compatriotas. E, percorrendo o acampamento de um extremo ao outro, dão morte de forma indiscriminada aos que encontram, deixando à ponta da espada a escolha de quem partir ao meio. Ao causar a morte igualmente a todos os que encontra, o que decidia sobre a morte dos que eram suprimidos não era o ser inimigo ou amigo, estrangeiro ou vizinho, parente ou estranho; a mão acometia da mesma forma e atuava igualmente sobre todos os que atacava. Talvez a útil lição que nos oferece este relato seja a de que cai sobre eles um castigo indiscriminado porque todos foram cúmplices com o povo inteiro no mal, e todo o acampamento se havia feito um só homem no sentir.

Da mesma forma, quem castiga com açoites alguém surpreendido em um delito golpeia com o chicote a parte do corpo que se lhe põe diante, sabendo que a dor de uma parte se estende ao todo; assim também, posto que todo o corpo devia ser castigado igualmente por ter estado unido na alma, o chicote atingiu o todo, atuando sobre uma parte. Portanto, se a cólera de Deus, ao contemplar a mesma maldade em muitos, não atuou contra todos, senão só contra alguns,

convém ter em conta que a correção foi feita por causa do amor ao homem; ainda que nem todos tenham sido castigados, com os golpes de alguns, todos foram corrigidos para que se afastem do mal. Esta consideração está feita ainda ao fio da literalidade do relato.

O sentido espiritual talvez possamos aproveitar do seguinte modo. O Legislador disse a todos em uma exortação pública: “Quem estiver a favor do Senhor, que venha a mim” (Ex 32, 26). É a voz da Lei convidando a todos: “Se alguém quer ser amigo de Deus, que se faça meu amigo, da Lei”; pois, efetivamente, se alguém é amigo de Deus, faz-se também amigo da Lei. A todos os que se reuniram em torno d’Ele por causa deste chamado, Moisés ordenou tomar a espada contra o irmão, o amigo e o vizinho (Ex 32, 27). Se tivermos presente o contexto da consideração espiritual, entenderemos que todo aquele que presta atenção a Deus e à Lei se purifica com a morte dos costumes que habitam perversamente nele. As palavras “irmão”, “amigo” ou “vizinho” nem sempre são usadas pela Escritura no bom sentido, mas há ocasiões em que o irmão é um estrangeiro, o amigo um inimigo, o vizinho alguém que se levantou como adversário. Entendemos por estes nossos pensamentos íntimos, cuja vida causa nossa morte e cuja morte causa nossa vida.

Capítulo 37: O Significado dos Irmãos

Concorda esta interpretação com as coisas já ditas a respeito de Aarão, quando, por ocasião de seu encontro com Moisés, o reconhecemos como o que socorre e protege, o que realiza juntamente com ele os prodígios contra os egípcios. O conhecemos justamente como superior, já que a natureza

angélica e incorpórea foi feita antes que a nossa; como irmão, obviamente, pelo parentesco de sua natureza intelectual com nossa natureza intelectual. Existe a objeção de como se pode tomar em seu sentido melhor o encontro de Aarão, que se converteu para os israelitas em servidor da idolatria? Porém, neste lugar, o texto explica claramente o equívoco da “irmandade”, pois o significado desta palavra não é o mesmo em todos os lugares, já que toma este nome em sentidos opostos. Um é o irmão que abate o tirano egípcio, e outro o que faz uma cópia do ídolo para os israelitas, ainda que seja idêntico o nome de ambos.

Contra irmãos desta classe impunha Moisés a espada. O que ordena aos demais, sem dúvida, estabelece também para si mesmo. A destruição de um irmão desta classe é a aniquilação do pecado. Todo o que faz desaparecer o mal metido dentro de si pela sedução do adversário, este matou em si mesmo o que vivia pelo pecado. Nosso ensinamento em torno disto se confirma ainda mais, se colocarmos a relação de alguns outros elementos do relato com a interpretação espiritual. Dissemos, de fato, que foi ordem daquele Aarão que eles se desprendessem de suas arrecadas. O desprendimento destas converteu-se na matéria do ídolo (Ex 32, 2-3). Que diremos? Que Moisés havia adornado as orelhas dos israelitas com o adorno de arrecadas, que é a Lei, e que o falso irmão, pela desobediência, tira o adorno colocado nas orelhas e faz com ele um ídolo.

A primeira entrada do pecado foi o tirar as arrecadas, isto é, a decisão de desobedecer ao preceito. Como julgar a serpente como amiga e vizinha dos primeiros pais, a ela que sugeriu como coisa útil e boa afastar-se do mandado de Deus?

Isto é o livrar as orelhas das arrecadas do preceito (Rm 10, 17). Portanto, quem tiver matado tais irmãos, amigos e vizinhos ouvirá da Lei aquela palavra que conta o relato que disse Moisés aos que haviam matado a estes: “Cada um de vós consagrou hoje as suas mãos ao Senhor, matando seu filho e seu irmão, para vos ser dada a bênção” (Ex 32, 29).

Capítulo 38: A Restauração das Tábuas

Penso que a recordação daqueles que consentiram no pecado se introduziu oportunamente no discurso. Aprendemos assim que as tábuas feitas por Deus, nas quais havia sido gravada a Lei divina, caíram na terra das mãos de Moisés e, quebrando-se pela dureza do solo, Moisés as refaz, embora não sejam inteiramente as mesmas, mas só o escrito nelas. Tendo tomado as tábuas da matéria daqui de baixo, apresenta-as ao poder de quem grava nelas a Lei, e assim atrai de novo a graça, levando a Lei em tábuas verdadeiras, ao haver gravado Deus sua palavra na pedra.

Guiados por estas coisas, talvez seja possível alcançar alguma inteligência da providência de Deus em nosso favor. Se o divino Apóstolo disse a verdade chamando “tábuas” os corações (2Cor 3, 3), isto é, a parte superior da alma – e sem dúvida diz a verdade aquele que sonda pelo Espírito as profundezas de Deus (1Cor 2, 10) –, pode-se deduzir conseqüentemente que, no princípio, a natureza humana estava sem fraturas e era imortal, moldada pelas mãos divinas e embelezada com os caracteres não escritos da Lei, pois fisicamente estava dentro de nós uma vontade conforme à Lei, no afastamento do mal e no honrar à Divindade.

Porém, depois de aparecer o ruído do pecado, ao qual o começo da Escritura chama “voz da serpente” (Gn 3, 4) e o relato das tábuas chama “voz dos que começam um canto na embriaguez” (Ex 32, 18), então as tábuas se quebram ao cair na terra. E o verdadeiro Legislador, aquele de quem Moisés era figura, novamente lavrou para si, de nossa terra, as tábuas da natureza. Sua carne, que contém Deus, não foi feita por obra do matrimônio, mas Ele mesmo é o escultor da própria carne, gravada pelo dedo de Deus. O Espírito Santo desceu sobre a Virgem, e a força do Altíssimo a cobriu com sua sombra (Lc 1, 35). Depois deste acontecimento, a natureza foi feita de novo inquebrável, feita imortal pelos caracteres gravados pelo dedo. “Dedo” é o nome dado muitas vezes pela Escritura ao Espírito Santo (Ex 8, 19; Dt 9, 10; Lc 11, 20).

Desta forma, acontece uma tal transformação de Moisés, tão grande e de tanta glória, que os olhos daqui de baixo não podiam suportar a manifestação daquela glória (2Cor 3, 12-4, 6). Quem tiver sido bem instruído no divino mistério de nossa fé não desconhecerá como a interpretação espiritual concorda com o relato. Aquele que restaurou nossa natureza destruída – pelo já dito, sabes bem quem é aquele que curou nossas roturas –, depois de haver elevado novamente a tábua quebrada de nossa natureza à sua primitiva beleza, havendo embelezado com o dedo de Deus, como dissemos, não é já suportável à vista dos indignos, pois, pela superabundância de sua glória, é já inacessível a quem o olha. Em verdade, quando vier em sua glória, como diz o Evangelho, “e todos os anjos com Ele” (Mc 8, 38), a duras penas os justos poderão contemplar seu aspecto. Quanto ao que é injusto e ao que pertence à seita judaica, como diz Isaías,

permanecerá incapaz desta visão: “Que desapareça o ímpio, para que não veja a glória do Senhor” (Is 26, 11).

Capítulo 39: O Pedido de Ver Deus

Seguindo a concatenação das coisas que examinamos, deixamo-nos levar à formulação de uma hipótese de interpretação espiritual desta passagem. Voltemos à questão que havíamos proposto: como aquele que viu Deus claramente nestas teofanias – o atestam a palavra divina, quando diz “face a face, como quem fala a um amigo” (Ex 33, 11; 1Cor 13, 12) –, ao chegar aqui, como se nunca tivesse alcançado o que cremos que alcançou pelo testemunho da Escritura, pede a Deus que lhe apareça, como se nunca tivesse visto Aquele que lhe tem aparecido continuamente?

A voz do alto acede agora ao desejo do que pede e não lhe recusa a entrega desta graça, porém novamente o leva à desesperança, ao deixar claro que o que ele busca é inalcançável à natureza humana. Apesar disto, Deus diz que há um lugar junto a Ele, e nesse lugar uma pedra, e na pedra uma fenda (Ex 33, 21-23), na qual manda que Moisés se coloque. Depois, Deus põe a mão na boca daquela fenda e, passando adiante, o chama. Ao ser chamado, Moisés sai fora da fenda, vê as costas de quem o chamou, e assim parece que viu o procurado, pois se cumpre a promessa da voz divina.

Se nos apegarmos à letra, o sentido destas coisas não só permanecerá obscuro a quem o examina, como nem sequer estará livre de uma concepção inverossímil de Deus. Parte anterior e parte posterior existem só nas coisas que têm forma, e toda forma é limite de um corpo. Portanto, quem

imagina uma figura delimitando Deus não pensará que Ele está livre de uma natureza corporal. Todo corpo é, evidentemente, composto. O composto é constituído pela concorrência de elementos heterogêneos. Ninguém diria que o composto é indissolúvel. O que se pode dissolver não pode ser imortal. Se tomarmos ao pé da letra as “costas de Deus”, por via de consequência, seremos levados necessariamente a um absurdo. Diante e atrás só se dão no que tem forma, e a forma só se dá no que tem corpo. E este, por sua própria natureza, pode ser dividido, posto que todo o composto pode dividir-se. O que pode ser dividido não pode ser imortal. Portanto, quem é escravo da letra pensará, como consequência, que a Divindade está submetida à corrupção. E, sem dúvida, Deus é imortal e incorruptível.

Capítulo 40: A Interpretação Espiritual da Visão

Que interpretação, além do sentido literal, será coerente com a letra? Se uma parte nos obriga, no contexto do discurso, a buscar outra interpretação das palavras escritas, sem dúvida será conveniente fazer o mesmo com relação ao todo. O que entendemos de uma parte, isso mesmo havemos de tomar necessariamente em relação ao todo, pois não existe um todo se não está composto de partes. Portanto, o lugar perto de Deus, a pedra neste lugar, e nela o lugar que se chama fenda, a entrada de Moisés ali, o estender da mão de Deus até a boca da fenda, sua passagem, a chamada, e depois disto a contemplação das costas, tudo isto será considerado de forma mais adequada se seguirmos a norma da interpretação espiritual.

Qual é o significado? Da mesma forma que os corpos pesados, se algo recebe impulso em um plano inclinado, ainda que nada o empurre depois deste primeiro movimento, se não há nada que corte o impulso com um obstáculo, são empurrados por si mesmos para baixo com força pela ladeira enquanto o plano permanecer inclinado costa abaixo; assim, de forma contrária, a alma que se liberta da paixão terrena volta-se leve e veloz, começando a voar desde baixo até às coisas de cima, até o alto. E, como nada acima corta seu impulso, pois a natureza do bem atrai a si a quem levanta os olhos para ela, a alma sempre se eleva acima de si mesma, em tensão pelo desejo das coisas celestiais, como diz o Apóstolo, “até às coisas que estão adiante” (Fl 3, 13), e elevará seu voo cada vez mais alto. Graças ao já conseguido, deseja não renunciar ao que está acima e torna incessante seu impulso às coisas de cima, renovando sempre, com o já conseguido, a tensão para o voo. O trabalhar da virtude alimenta sua força no cansaço, já que sua tensão não diminui pelo esforço, mas aumenta.

Por esta razão, dizemos que o grande Moisés, apesar de fazer-se cada dia maior, nunca se deteve no caminho para o alto, nem impôs a si mesmo algum limite até o cume, mas, uma vez posto o pé na escada em cujo cimo estava Deus (Gn 28, 12), como diz Jacó, subiu ininterruptamente ao nível superior, sem cessar nunca de subir, porque sempre há um degrau mais alto do que aquele a que já se chegou.

Capítulo 41: A Jornada de Moisés

Moisés rejeita o parentesco aparente com a rainha dos egípcios. Faz-se vingador do hebreu. Transfere-se a uma vida

solitária no deserto, não turbada pelo contato com os homens. Pastoreia ali em si mesmo o rebanho de animais domados. Vê o esplendor da luz. Torna leve sua subida à luz, despojando-se do calçado. Conduz à liberdade seus parentes e compatriotas. Vê afundar-se o inimigo, carregado pelas ondas. Permanece sob a nuvem. Sacia a sede com a pedra. Recolhe pão do céu. Depois, com a elevação das mãos, vence o estrangeiro. Ouve a trombeta. Entra nas tremas. Penetra nas estâncias inacessíveis do tabernáculo não feito por mão de homem. Aprende as coisas inefáveis do sacerdócio divino. Destrói o ídolo. Aplaca Deus. Restabelece a lei quebrada pela maldade dos judeus. Resplandece pela glória e, alçado por estas elevações, ainda arde em desejos e não se sacia de ter mais; ainda tem sede daquele de que foi completamente saciado e pede obtê-lo como se nunca o tivesse obtido, suplicando a Deus que se revele a ele, não na forma em que ele é capaz de participar dela, mas tal qual Ele é.

Este sentimento me parece próprio de uma alma possuída pela paixão do amor à beleza essencial: a esperança não cessa de atrair, a partir da beleza que se viu, até à que está mais além, acendendo sempre no que já conseguiu o desejo do que ainda está por conseguir. Disso se conclui que o amante apaixonado da Beleza, recebendo sempre as coisas visíveis como imagem do que deseja, aspira saciar-se com o modelo original desta imagem. E isto é o que quer a súplica audaz que ultrapassa o limite do desejo: gozar da beleza, não através de espelhos e reflexos, mas face a face (1Cor 13, 12).

A palavra divina admite a petição ao mesmo tempo que a repudia, mostrando, em poucas palavras, um abismo incomensurável de conhecimento. A magnanimidade de Deus

concede a Moisés saciar o desejo, porém não lhe promete nenhum repouso nem fartura desse desejo. Não se teria mostrado a si mesmo a seu servo se a visão houvesse sido tal que detivesse o desejo do que via, pois nisto consiste ver verdadeiramente a Deus: em que quem o vê não se sacia jamais em seu desejo. Por isso, diz: “Não poderás ver meu rosto. Nenhum homem verá meu rosto e seguirá vivendo” (Ex 33, 20).

O relato diz isto não como se o mostrar-se convertesse Deus em causa de morte para quem o visse. Como poderia a face da vida converter-se jamais em causa de morte para quem se acercasse dela? A menos que, posto que Deus é, por essência, o que dá a vida, e posto que um traço essencial do conhecimento da natureza divina é o de estar acima de todo o conhecimento, quem pensar que Deus é alguma das coisas agora conhecida, esse não tem vida, pois se desviou do ser dos seres a ponto de, com uma fantasia fora da razão, pensar que existe. O que verdadeiramente existe é a vida verdadeira. E isto é inacessível ao conhecimento. Se, pois, a natureza que dá a vida transcende todo o conhecimento, aquilo que é abarcado pelo conhecimento certamente não é a vida. O que não é a vida não tem uma natureza apta para dar a vida. Por esta razão, dá-se satisfação ao desejo de Moisés precisamente naquilo em que este desejo fica sem satisfação. Aprende-se do que já foi dito que a Divindade, pela própria natureza, é inabarcável, pois não está circunscrita por nenhum limite.

Capítulo 42: A Infinitude de Deus

Se pensássemos a Divindade com algum limite, seria necessário considerar, juntamente com o limite, o que haveria

mais além deste limite. O que está limitado termina certamente em alguma coisa, como o ar é limite dos animais terrestres, e a água é o limite dos aquáticos. Posto que o peixe é rodeado pela água em todas as partes, e o pássaro pelo ar, e o meio da água, no caso dos aquáticos, e o do ar, no caso do pássaro, é o marco do limite no ponto extremo que abarca o pássaro ou o peixe, ao qual delimitam a água e o ar, assim, necessariamente, se pensarmos a Divindade dentro de um limite, é necessário que esteja abarcada por algo heterogêneo à sua natureza, e a lógica mostra que o continente é maior que o contido.

Afirma-se que a Divindade é o Bem essencial. O que tem uma natureza distinta do bem é alheio ao bem, e o que é alheio ao bem pertence à natureza do mal. Demonstra-se que o continente é maior que o contido. Segue-se, necessariamente, que os que julgam que a Divindade está contida em um limite devem admitir também que está abarcada pelo mal. Sendo, evidentemente, menor a natureza do contido que a do continente, segue-se a superioridade do mais vasto. Portanto, quem encerra a Divindade em um limite estabelece que o bem está dominado por seu contrário. Porém, isto é absurdo. Não se pensará, pois, em nenhum limite da natureza infinita. O que não está limitado não tem uma natureza que possa ser compreendida.

Eis aqui porque todo o desejo do bem, que atrai para aquela ascensão, cresce constantemente junto com a trajetória de quem se apressa para o bem. Isto é ver realmente a Deus: não encontrar jamais a saciedade do desejo. É totalmente inevitável que quem vir se inflame em desejos de ver ainda mais, precisamente por causa daquelas coisas que é

possível ver. E, desta forma, nenhum limite interromperá o progresso na ascensão a Deus, por não haver limite no bem, nem ser interrompido por nenhuma fartura o aumento do desejo do bem.

Capítulo 43: O Lugar, a Pedra e a Fenda

Qual é aquele lugar perto de Deus? Que é a pedra? E qual é novamente a fenda na pedra? Que é a mão de Deus que tapa a fenda da pedra? Que é a passagem de Deus? Que são suas costas, cuja visão promete Deus a Moisés quando pedia para ver sua face? É necessário que cada um destes dons seja verdadeiramente grande e digno da magnificência do doador, ao ponto de julgarmos uma promessa mais esplêndida e elevada que todas as teofanias outorgadas já ao grande servidor. Porém, como pode alguém deduzir destas palavras com que Moisés pede subir depois de tantas ascensões, e à cuja subida Aquele que faz cooperar todas as coisas para o bem de quem ama a Deus (Rm 8, 28) conduz, dizendo: “Eis aqui um lugar junto de mim” (Ex 33, 21)?

Eis aqui uma interpretação que se harmoniza facilmente com as coisas que já consideramos. Ao falar do lugar, não delimita quantitativamente o que lhe mostra, pois não existe medida do que carece de quantidade, mas conduz o ouvinte ao infinito ilimitado por meio da consideração do limitado por uma medida. O relato parece significar isto: “Posto que o desejo te lança ao que está adiante e não tens nenhuma fartura em tua corrida, e o bem não tem limite algum, mas o desejo se orienta sempre àquilo que é ainda maior, há tanto lugar junto a mim que quem corre nele jamais poderá alcançar o final da corrida.” Porém, de outro ponto de

vista, a corrida é quietude. “Coloca-te” – diz – “sobre a fenda” (Ex 33, 21).

Capítulo 44: A Quietude na Corrida

Isto é o mais paradoxal de tudo: como a quietude é o mesmo que o movimento. Quem corre não está quieto, e quem está quieto não marcha para cima; aqui, ao contrário, o permanecer estável origina-se do caminhar para cima. Isto quer dizer que, quanto mais sólida e firmemente alguém se mantém no bem, tanto mais consome a corrida da virtude. Quem é instável e vacilante quanto à base de suas convicções, por carecer de uma segura estabilidade no bem, sacudido pelas ondas e levado de um lado a outro, como diz o Apóstolo (Ef 4, 14), ao estar agitado e duvidoso em sua concepção dos seres, jamais alcançará a virtude.

Os que sobem uma costa de areia, ainda que deem grandes passos, fadigam-se com pouco resultado, pois seus pés afundam sempre juntamente com a areia; esforçam-se no movimento, porém deste movimento não obtêm nenhum avanço. Porém, se alguém, como diz o salmo, “tira seus pés do seio do abismo” (Sl 40, 3) e os coloca sobre a pedra – e a pedra é Cristo, virtude perfeita (1Cor 10, 4) –, quanto mais firme e imóvel se faz no bem, conforme o conselho de São Paulo (1Cor 15, 58), tanto mais veloz corre sua corrida, servindo-se da estabilidade como de asas: em sua marcha para cima, o coração, por sua segurança no bem, lhe serve de asas.

Capítulo 45: A Promessa da Coroa

Assim pois, Deus, ao mostrar a Moisés o lugar, excitá-lo à corrida. Ao prometer-lhe estabilidade sobre a pedra, mostra-lhe a forma de correr este certame divino. Quanto ao espaço que há na fenda, ao que o relato chama “buraco”, formosamente o interpretou o divino Apóstolo com suas próprias palavras, dizendo que “uma morada celestial não feita por mão de homem está preparada, na esperança, para aqueles cuja tenda terrena tenha sido desfeita” (2Cor 5, 1). Aquele que, na verdade, tiver consumado a corrida, como diz o Apóstolo (2Tm 4, 7), naquele estádio amplo e espaçoso a que a palavra divina chama “lugar”, e tiver guardado efetivamente a fé, como diz o símbolo, este, tendo assentado seus pés sobre a fenda, será recompensado com a coroa da justiça pelas mãos do presidente do certame.

Este prêmio é chamado pela Escritura de diversas formas. O mesmo que é chamado aqui “cavidade da fenda”, em outros lugares é chamado “jardim de felicidade”, “tenda eterna”, “morada junto do Pai”, “seio do patriarca”, “terra dos viventes”, “água do descanso”, “Jerusalém celestial”, “reino dos céus”, “prêmio dos eleitos”, “coroa de graças”, “coroa de felicidade”, “coroa de formosura”, “torre de poder”, “banquete de festa”, “estar sentado junto de Deus”, “trono para julgar”, “lugar ilustre”, “tenda escondida” (Gn 3, 23; Lc 16, 9; Jo 14, 2; Lc 16, 22; Is 38, 11; Sl 23, 2; Gl 4, 26; Mt 3, 2; Fl 3, 14; Pr 1, 9 e 4, 9; Is 62, 3; Sl 61, 4; Ap 3, 21; Sl 89, 15; Is 56, 5; Sl 27, 5). Digo que a entrada de Moisés na fenda designa a mesma realidade que todas estas expressões.

Capítulo 46: Seguir as Costas de Deus

Posto que a fenda é interpretada por Paulo como Cristo (1Cor 10, 4), e cremos que em Cristo está a esperança de todos os bens, e sabemos, com efeito, que “nEle estão todos os tesouros dos bens” (Cl 2, 3), quem alcançou algum bem, esse certamente está em Cristo, o qual contém todo bem. Quem avançou até este ponto e esteve protegido pela mão de Deus, como pôs em relevo o relato – a mão talvez seja a força de Deus, criadora dos seres, o Unigênito de Deus por meio do qual foram feitas todas as coisas (Jo 1, 3), o qual é também lugar para quem corre; é, segundo sua própria expressão, “caminho dos que correm” (Jo 14, 6), e é também “rocha” para quem está firme (1Cor 10, 4), e “casa” para os que alcançaram o repouso (Jo 14, 2) –, esse se sentirá chamar e verá as costas do que chama, isto é, marchará atrás do Senhor Deus (Dt 13, 5), conforme prescreve a Lei.

Também o grande Davi, ao ouvir isto, o entendeu, quando diz a quem habita sob a proteção do Altíssimo: “Ele cobrirá com suas asas” (Sl 91, 4), que é o mesmo que encontrar-se atrás de Deus, pois as asas encontram-se nas costas, e grita com relação a si mesmo: “Minha alma aderiu a Ti, tua direita me sustentou” (Sl 63, 9). Vês como concorda o salmo com o relato? Da mesma forma que este diz que a direita protegeu a quem estava aderido a Deus, assim também ali a mão toca em quem espera na fenda a palavra divina e lhe pede que o siga. Também o Senhor, que, ao converter-se em plenitude da própria Lei, recebia a riqueza de Moisés, dirige-se de forma parecida a seus discípulos e revela claramente as coisas que haviam sido ditas em figuras, quando diz: “Se alguém quer vir atrás de Mim” (Lc 9, 23). Não diz: “Se alguém

quer ir adiante de Mim”. E dirigiu o mesmo convite a quem suplicava pela vida eterna: “Vem e segue-me” (Lc 18, 22).

Pois bem, quem segue vê as costas. Portanto, Moisés, que anseia por ver Deus, recebe o ensinamento de como é possível ver Deus: seguir a Deus aonde quer que Ele conduza, isto é ver Deus. Sua passagem indica que guia a quem o segue. Para quem ignora o caminho, não é possível percorrê-lo com segurança senão seguindo atrás de quem guia. Por esta razão, aquele que guia, indo adiante, mostra o caminho a quem o segue, e quem segue não se separará do bom caminho se olhar continuamente para as costas de quem conduz.

Capítulo 47: A Inveja dos Irmãos

Quem, em seu movimento, se deixa levar para os lados ou se coloca olhando o guia de frente, inventa outro caminho para si, e não aquele que lhe mostra o guia. Por esta razão, diz Deus ao que é guiado: “Meu rosto não será visto por ti” (Ex 33, 20), isto é, não te ponhas de frente a quem te guia, pois, obviamente, o caminho seria em sentido contrário. O bem não olha de forma oposta ao bem, mas o segue. O que conhecemos como contrário ao bem, isso se põe de frente. O mal olha para a virtude em sentido contrário; ao passo que a virtude não é olhada de forma oposta pela virtude. Por esta razão, Moisés não olha agora a Deus de frente, mas vê o que está atrás d’Ele. Pois quem olha de frente não viverá, como atesta a palavra divina: “Ninguém verá a face do Senhor e viverá” (Ex 33, 20).

Vês quão importante é aprender a seguir a Deus: aquele que aprendeu a colocar-se às costas de Deus, depois daquelas altas ascensões e daquelas terríveis e maravilhosas

teofanias, já quase na consumação de sua vida, apenas se acha digno desta graça. A quem desta forma segue Deus, não detém nenhuma das contradições suscitadas pelo mal. Pois, após isto, nasce a inveja dos irmãos. A inveja, paixão malvada primordial, pai da morte, primeira porta do pecado, raiz do mal, origem da tristeza, mãe das desgraças, fundamento da desobediência, princípio do paraíso, converteu-se em serpente para dano de Eva. A inveja nos separou com um muro da árvore da vida, despojou-nos das vestimentas sagradas e, para vergonha, revestiu-nos com folhas de figueira. A inveja armou Caim contra seu próprio irmão e, por meio dela, a morte entrou no mundo (Gn 4, 8). Esta mesma paixão, agora, desperta-se em Aarão e Maria contra Moisés (Nm 12, 1-2). Que nos ensina a história com isto? Que, mesmo aqueles que alcançaram as alturas da virtude não estão livres das ciladas do inimigo, pois a inveja é uma armadilha que se estende até os mais elevados. Aarão, o sacerdote, e Maria, a profetisa, que compartilharam com Moisés os dons divinos – ele como colaborador nos prodígios e ela como guia nos cânticos de vitória (Ex 15, 20-21) –, sucumbem a esta paixão vil, mostrando que ninguém, por mais santo que seja, está isento da luta contra o mal enquanto peregrina nesta vida terrena.

Porém, Moisés, cuja alma já havia sido purificada por tantas ascensões, não se deixa abater pela inveja alheia. Antes, manifesta a mansidão que o caracteriza, intercedendo por sua irmã quando Deus a castiga com a lepra (Nm 12, 13). Aqui se revela uma lição profunda: a virtude não se vinga do mal, mas o supera com o bem (Rm 12, 21). A inveja dos irmãos não o detém em sua corrida para Deus; ao contrário, sua resposta é um reflexo da caridade que o une ao Guia que segue. Pois

quem segue as costas de Deus aprende a não olhar para o mal com ira, mas a transformá-lo em ocasião de misericórdia.

A lepra de Maria simboliza o pecado que corrói a alma, e a intercessão de Moisés prefigura a obra do verdadeiro Sumo Sacerdote, que intercede por nós perante o Pai (Hb 7, 25). Assim, o relato nos ensina que a inveja, ainda que surja entre os próximos, não Deve deter o progresso da alma virtuosa, mas ser vencida pela paciência e pela oração.

Capítulo 48: A Rebelião do Povo e a Gula

Após este episódio, o povo novamente se rebela contra Moisés, movido pela gula e pelo desejo das iguarias do Egito (Nm 11, 4-6). Queixam-se do maná, o pão celestial, e anseiam pela carne dos potes egípcios, mostrando ingratidão pelo dom divino. Moisés, em sua angústia, clama a Deus, e o Senhor envia codornizes em abundância, mas, ao mesmo tempo, castiga os gulosos com uma praga que os consome enquanto comem (Nm 11, 31-34).

Que significa isto para a vida virtuosa? A gula é o apego às coisas terrenas, que seduz a alma a voltar atrás na sua jornada para Deus. O maná, pão simples e celestial, representa a suficiência da graça divina, que nutre sem excessos e conduz à temperança. As codornizes, em sua abundância, simbolizam os prazeres sensoriais que, quando buscados desordenadamente, tornam-se causa de morte espiritual. O castigo dos gulosos ensina que o desejo imoderado, mesmo quando satisfeito, não sacia a alma, mas a destrói. Moisés, ao levar o povo a Deus apesar de sua murmuração, mostra que o

guia da virtude não desiste de conduzir os fracos, ainda que estes resistam.

A praga que atinge os rebeldes é a consequência natural de sua escolha, pois, como vimos nas pragas dos egípcios, o mal é fruto da livre decisão, não uma imposição divina arbitrária. Assim, a alma que rejeita o alimento espiritual e busca o excesso perece em sua própria concupiscência, enquanto o virtuoso aprende a contentar-se com o que Deus provê.

Capítulo 49: Os Espias e a Desconfiança

Mais adiante, Moisés envia exploradores à Terra Prometida, mas a maioria retorna com um relatório de medo e desconfiança, desencorajando o povo e incitando-o contra o Legislador (Nm 13, 26-33). Apenas Josué e Calebe permanecem fiéis à promessa divina (Nm 14, 6-9). O povo, seduzido pelo medo, deseja voltar ao Egito, e Deus, em sua justiça, decreta que aquela geração não entrará na terra, exceto os dois fiéis (Nm 14, 22-30).

Este episódio nos instrui sobre a tentação da incredulidade, que surge mesmo após grandes maravilhas. A Terra Prometida é a meta da vida virtuosa, o repouso em Deus que se alcança pela fé. Os espias infiéis representam os pensamentos que, ao contemplarem as dificuldades do caminho, duvidam da providência divina. Josué e Calebe, ao contrário, simbolizam a fé perseverante que olha além dos obstáculos terrenos para a promessa celestial. A murmuração do povo é a fraqueza da alma que, diante das provações,

prefere a escravidão conhecida do pecado à liberdade incerta da virtude.

Moisés, intercedendo novamente pelo povo (Nm 14, 13-19), ensina que o guia da virtude não abandona os que vacilam, mas os sustenta com esperança. A exclusão daquela geração da Terra Prometida mostra que a incredulidade impede o progresso espiritual, enquanto a fé, ainda que em poucos, assegura a vitória.

Capítulo 50: A Rebelião de Coré e a Autoridade Divina

Segue-se a revolta de Coré, Datã e Abirão, que, com inveja da autoridade de Moisés e Aarão, desafiam sua liderança (Nm 16, 1-3). Deus intervém, fazendo a terra abrir-se para engolir os rebeldes e enviando fogo contra seus seguidores (Nm 16, 31-35). Depois, para confirmar a escolha divina de Aarão, o bastão deste floresce entre os bastões das tribos, enquanto os demais permanecem secos (Nm 17, 8).

Que aprendemos aqui? Coré e seus companheiros simbolizam a soberba que rejeita a ordem estabelecida por Deus, buscando usurpar o que não lhe foi dado. Na alma, esta rebelião é o orgulho que se levanta contra a humildade e a obediência, desejando o poder para si mesma. A terra que se abre é o abismo do pecado, que engole quem se afasta da vontade divina; o fogo é o juízo que consome a arrogância. Moisés, mantendo-se firme, não se vinga, mas deixa que Deus revele a justiça, ensinando-nos a confiar na providência contra as ciladas do mal.

O florescimento do bastão de Aarão é a prova da eleição divina, mostrando que a verdadeira autoridade na vida virtuosa vem de Deus, não da ambição humana. Na alma, é a graça que floresce quando nos submetemos à vontade divina, produzindo frutos onde o egoísmo só deixa esterilidade.

Capítulo 51: A Água da Contradição e a Fraqueza Humana

Mais tarde, o povo reclama novamente por falta de água, e Deus ordena a Moisés que fale à rocha para que dela jorre água. Moisés, porém, em um momento de impaciência, golpeia a rocha com seu bastão, desobedecendo ao mandado divino (Nm 20, 7-11). Por causa disto, Deus decreta que ele não entrará na Terra Prometida (Nm 20, 12).

Este evento revela a fragilidade até mesmo do mais virtuoso. Moisés, após tantas provas de paciência, cede à irritação, mostrando que a perfeição humana é limitada. A rocha é Cristo (1Cor 10, 4), e o falar simboliza a confiança na palavra divina; o golpear, a impaciência que busca forçar a graça. A punição de Moisés ensina que mesmo os grandes na virtude devem vigiar contra os deslizos, pois a santidade exige obediência perfeita. Contudo, sua intercessão contínua pelo povo demonstra que sua missão não é anulada por esta falha, mas redirecionada à humildade.

Capítulo 52: As Serpentes e a Cruz

Quando o povo murmura novamente, Deus envia serpentes venenosas como castigo, mas, a pedido de Moisés, ordena que ele levante uma serpente de bronze. Quem olha

para ela é curado (Nm 21, 6-9). Este é o mistério da cruz prefigurado, como diz o Senhor: “Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim convém que o Filho do Homem seja levantado” (Jo 3, 14).

As serpentes são os pecados que mordem a alma, injetando o veneno da morte espiritual. A serpente de bronze é Cristo, que, assumindo a forma do pecado sem pecar (2Cor 5, 21), torna-se remédio para os que O contemplam com fé. Moisés, ao erguer a serpente, ensina que a vitória sobre o mal vem de olhar para o Salvador, não de confiar em nossas forças. Na vida virtuosa, isto significa elevar os olhos ao Crucificado, cuja graça cura as feridas do pecado.

Capítulo 53: Balaão e a Tentaçao da Idolatria

Segue-se o episódio de Balaão, chamado por Balac para amaldiçoar Israel, mas que, inspirado por Deus, abençoa o povo (Nm 22-24). Contudo, por sua influência, os israelitas caem na idolatria e na fornicacão com as mulheres moabitas, e Finéias os purifica com sua lança (Nm 25, 1-8).

Balaão representa a tentacão que usa a verdade para enganar, pois, embora profetize corretamente, seu coracão busca o ganho (2Pe 2, 15). A idolatria e a luxúria são os pecados que seduzem a alma a abandonar Deus por falsos deuses. Finéias, com sua justa indignacão, simboliza o zelo que corta o pecado pela raiz. Moisés, ao permitir este juízo, ensina que a virtude deve ser defendida com firmeza contra as ciladas do inimigo, purificando a alma para que retorne ao caminho de Deus.

Capítulo 54: A Morte de Moisés e o Fim da Jornada

Por fim, Moisés sobe o Monte Nebo, contempla a Terra Prometida de longe e morre segundo a palavra de Deus, sem deixar sinal de seu sepulcro (Dt 34, 1-7). Sua beleza não se desvanece, e sua força permanece intacta, mostrando que a virtude o levou à plenitude.

Que significa isto? A Terra Prometida é o repouso eterno em Deus, que Moisés contempla, mas não entra nesta vida, indicando que a perfeição final está além do tempo terreno. Sua morte sem sepulcro simboliza a transição para a eternidade, onde o corpo corruptível não mais limita a alma. Moisés, que seguiu as costas de Deus, alcança o cume de sua ascensão não na posse plena aqui embaixo, mas na visão que o prepara para o além. Na vida virtuosa, isto ensina que o desejo de Deus nunca se sacia nesta vida, mas nos impulsiona ao infinito, onde a contemplação face a face nos espera (1Cor 13, 12).

Capítulo 55: Conclusão da Vida Virtuosa

Assim, a vida de Moisés nos guia desde o nascimento na virtude até a visão final de Deus. Ele nasce rejeitando o Egito, cresce na solidão, vê a luz na sarça, liberta o povo, atravessa o mar, sobe o monte, contempla o tabernáculo, enfrenta rebeliões e, por fim, morre olhando o prometido. Cada etapa é um degrau na escada da virtude, mostrando que a perfeição não é um ponto fixo, mas um movimento contínuo para o alto.

A lição final é esta: a verdadeira visão de Deus não está em abarcar Sua essência, mas em seguir Suas costas, isto é, em caminhar atrás d'Ele com desejo insaciável. Como disseram os filósofos, “o fim da virtude é assemelhar-se a Deus” (Platão, Teeteto 176b), e a Escritura o confirma: “Sede perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito” (Mt 5, 48). Moisés nos ensina que esta perfeição é infinita, pois Deus é infinito, e nosso progresso não tem limite enquanto vivemos.

Portanto, amigo da virtude, imita Moisés: rejeita o Egito do pecado, contempla a luz da verdade, guia os pensamentos à liberdade, suporta as provações e nunca cesses de correr para o alto. Pois, como ele, encontrarás Deus não na saciedade, mas no desejo eterno que te eleva eternamente a Ele.

